

PQ 9697

.C2658 V44

BIBLIOTECA DE PARANÁ

VERSOS
DE UM
DILETTANTE



NO. 2. 1887



INDIANA
UNIVERSITY
LIBRARY

Bahia-
2-10-1913
Alvaro Correia

VERSOS

DE UM DILETTANTE

OBRAS DO AUTOR

- Rethorica e poetica.** — Rio de Janeiro, 1884.
- Introdução as Prelecções do Direito romano** de D. Dutra Rodrigues, Rio, 1887.
- A Noiva** (Escorço de um romance naturalista). S. Paulo, 1888.
- A Poesia e a arte sob o ponto de vista philosophico.** Rio, 1891.
- Treze de maio** (carta republicana ao Cons. João Alfredo). Rio, 1888.
- O Povo e o banqueiro** (pamphletos socialistas), 8 numeros. Rio, 1892.
- Ephemeras, poesias.** Maranhão, 1900.
- O Naturalismo no Brazil.** Maranhão, 1894.
- Questões de Direito civil.** Rio, 1899.
- O Fundamento dos Interdictos Possessorios** de R. von Jhering, Rio, 1900 e 1908.
- Esboços litterarios.** Rio, 1902.
- A Physiologia do Direito.** Rio, 1900 e 1910.
- Apontamentos sobre o processo criminal brasileiro.** Rio, 1900 e 1910.
- A Adopção no Direito brasileiro**, relatorio apresentado ao 3º Congresso Scientifico Latino Americano no Rio de Janeiro, 1906.
- A Nova phase do Direito civil**, de E. Cimbale, Rio, 1900 e 1910.
-



ADHERBAL DE CARVALHO

ADHERBAL DE CARVALHO

VERSOS

DE UM DILETTANTE

LIVRARIA GARNIER IRMÃOS

109, Rua do Ouvidor, 109
RIO DE JANEIRO

6, Rue des Saints-Pères, 6
PARIS

1911
maio

INDIANA UNIVERSITY LIBRARY

PQ 9697

.C 2658 V44

ANTELOQUIO

3-22-71

*Bom leitor
Este livrinho,
Que hoje sahe á lume,
Cheio de imperfeições,
Sem estylo e sem idéas,
Fel-o de um jacto o meu amor !
Quero-lhe muito e com carinho,
Pois todo elle inteiro, em si resume
As minhas mais fagueiras illusões !...
Meus sonhos ridentes de azúes epopéas,
De áureas rimas sahindo alegres das batéas,
Como os diamantes das mais ricas lavras,
Reduziram-se de uma vez,
A phrase do poeta inglez :
— Palavras, só palavras !*

Rio-5-911.

À Minha Mulher



Tu, que accompanhas meus pezares fundos,
Resignada, a soffrer meus soffrimentos;
Que a toda a hora e a todos os momentos
Pedes por mim ao Creador dos mundos:

Tu, cuja vida é a minha propria vida,
Que tens no coração amor divino,
Brilhante qual um astro peregrino,
Que és das esposas o ideal, querida:

É que és a dona d'este livro inteiro,
Que está cheio do amôr que me inspiraste
E da luz divinal que derramaste
Dentro em meu peito, em brilho derradeiro.



DESEJO DE POSSE

Vamos fugindo além por este mar afóra,
Para a terra do amor, óh! sim, vamos fugindo!
Deixemos que o velame os ventos vão abrindo,
Para se abrir ao longe a tua voz, senhora!

Vamos agora mesmó, antes que venha a aurora,
Antes que a aurora venha e veja-nos partindo!
Vamos, meu coração, vamos viver sorrindo
N'um paiz sorridente onde ha eterna flóra!

Vamos sulcando, amada, as ondas côr de rosa,
N'este batel do amor vamos sulcando, amada,
Ó meu grande ideal, ó minha flôr mimosa!

E então me has de cantar essa canção que adoras,
E essa bella canção será por ti cantada
N'este esplendente mar de musicas sonoras!



MADRIGAL

Lembras-te? ainda eras creança.
Foi numa manhã de estio,
No bosque, á margem de um rio,
Que conversámos de amor.
Tu, disfarçando com a trança
Dos teus formosos cabellos,
Disseste, tímida em zelos :
— « Como está forte o calor »

E eu, vendo-te atrapalhada.
O olhar baixo, a voz tremida,
Balbuciei então : « querida,
« Chega-te ao meu coração

« Á minha alma angustiada
« Desejo, neste momento,
« Por termo ao seu sofrimento,
« Beijando a tua nivea mão.

« Pelo céu que além se arquia,
« Pelas mil flôres olentes,
« Por estas aguas correntes
« Que se dirigem p'ra o mar;
« Escreve aqui sobre a areia,
« Com mão forte e fé intensa,
« A minha final sentença,
« Isto é, se posso te amar »

E tu, corada e nervosa,
Como uma ave aprisionada,
Fiscaste uma hora callada,
Uma hora ? um sec' lo talvez !...
Nos teus labios côr de rosa,
Eu busquei, tremulo e ancioso,
Algum filtro mysterioso
Que me acalmasse de vez.

Subito te levantaste,
E, com os olhos lacrimantes,
Olhos de chispas brilhantes,
Que jamais hei de olvidar:
Com tal poder me encaraste,
Me olhaste tão sobranceira,
Que a minha alma, prisioneira
Se fez, do teu bello olhar!...

Os passarinhos cantavam
Por sobre as ramas floridas.
E as borboletas jungidas,
Suas breves uniões,
No espaço azul festejavam!...
Dir-se-ia estavam em festa :
A briza, a luz e a floresta,
Pelas nossas illusões!...

O sol de chapa batendo
Sobre o teu cabelo louro,
Fez de ti a estatua de ouro
Que em meus sonhos lobriguei!...

Corajoso, então, me vendo,
Perguntei-te destemido :
« Serei o teu preferido? »
E tu disseste : « Não sei. »

Já la se vão quatorze annos,
Parecem quatorze dias !
De mim receiosa fugias,
Correndo pelas rechans
Porem hoje, os desenganos,
Com côres bastante espessas,
Mostram as nossas cabeças
Nas sua suas princiras cans !



CALENDARIO

I

OS DIAS

Segunda-feira eu te éra indifferente.
De mim, na terça, não te preocupavas,
Na quarta, quinta e sexta declamavas,
Meus pobres versos, com calor ardente !

No sabbado, porém, a mim sómente
Disseste, a medo, ter o peito em lavas.
Mas,... como, no domingo, tu corávas,
Quando eu beijava a tua mão, fremente !...

E assim levámos toda uma semana.
Querendo-nos, alfim, mas receiosos
De proferir palavra algo profana !

Velhacos, ambos nós, fizémos manha,
Ignorando, no entanto, descuidosos.
Que o Amôr tem pálpos rigidos de aranha.



II

OS MEZES

Vimo-nos ambos em janeiro,
Gosavas férias escolares,
Mas, creio, foi em fevereiro,
Que me lançaste os teus olhares

Em todo o alégre mez de março,
E no de abril, chuvoso e triste,
Trazias no cabelo esparsa
Laços azues, com arte e chiste!

No mez de Flóra, o mez de maio,
E no de junho radiante,
Com o teu vestido verde-gaio,
Éras-me estrella fulgurante !

Em julho, vi-te atrapalhada,
Com os teus estudos de violino.
Foste, em agosto, requestada,
Por um doutor correcto e fino.

Foi em setembro, em teu collégio,
Ou foi, talvez, no quente outubro,
Fizeram-te um presente régio.
(Vê, tu, como eu tudo descobro !)

E se me nao tráhe a memoria,
Foi em meados de novembro,
Que eu conquistei franca victoria,
Pois nos possuímos em dezembro !



AS ESTAÇÕES

Todas as moças na Primavera
Às proprias flôres impoêm ciumes !
Tempos felizes, ai ! quem me déra,
De todas ellas os seus perfumes !

Jovens formosas, a sangue frio,
Férem mui peitos, de amor, ardentes.
Pois nossas carnes é pelo Estio,
Que se demonstam mais exigentes !

As que despértam de um breve somno,
Mas que ainda guardam meia esperança,
São as que se acham em pleno Outomno
Da idade forte em que se não cança!

Mas as donzellas, que só no eterno
Repouzo, pensam como um allivio,
São as que viram chegar o Inverno
Dos seus amôres, no árido trivio!

..

Oh! como é triste, minha querida,
Soffrer o attrito das estações!
Para uns, propicia lhes foi a vida,
E para muitos : — desillusões !



BAROMETRO

Faz sol quando ris,
Chuva quando choras,
Mas, sempre que imploras,
Com teu olhar tímido,
Crendo-se infeliz ;
Uns, timidamente,
Dizem : — tempo quente,
E muitos : — tempo húmido.



CORAÇÃO NOSTÁLGICO

Meu coração é um campo-santo, onde
Moram, sem vida, as illusões de outr'ora,
Terreno inculto e árido de flóra,
Pasto do vérme que da luz se esconde.

Que de um ápice o mundo se esbarronde,
Que se apague, de vez, a luz da aurora,
Que o teu amor (se é que ainda o tens), senhora,
A tua propria consciencia sonde;

Nada dissipará, tenho certeza,
A pungente e nostálgica tristeza
Que o coração e o espirito me invade!

Os meus sonhos findaram-se contigo,
Mas de ti, ainda guardo, por castigo,
Uma profunda e mórbida saudade!



CHROMO

Beirando um córrego estreito,
De pura agua crystalina,
Demóra sobre a collina,
Um nicho de palha feito.

Do trem de ferro, eu espreito,
Fixando bem na retina.
Essa belleza supina,
Como num quadro perfeito!...

Várias aves no terreiro
Da casinha... Um cão rafeiro
Para o comboio ladrava !...

Tão bucolico poema,
Vi qual fita de cinema,
Pois o meu carro voava!



ANDALUZA

(*Num leque.*)

Bamboleando os quadris, num nervoso *sulero*,
Na cabeça, derreado, elegante *sombbrero*,
E os minusculos pés em luxuoso brocado ;
A filha da volupia, essa ardente hespanhola,
Açúla, num momento, ao som da castanhola,
Os tigres infernaes da carne e do peccado !



NOIVA

Toda de branco. A flôr de lorangeira
Engrinalda-lhe o busto, o torso, a fronte ?
As gemmas e o ouro, em sua cabelleira,
Relúzem como um ástro no horizonte !

Sorrí contente. E eu não sei se o conte,
Se éra aquella alegria verdadeira,
Visto que em seu espirito bifronte
A dúvida pairava sobranceira !

Com tudo éra alegria que mostrava,
Pois mais um sonho seu se realisava,
E com o esplendor que havia concebido !

Doidivánas e moça, mal sabia,
Que nessa tarde, a sua phantazia,
Tinha, *ab eterno*, desaparecido !



DESILLUDIDA

Co' a alma sangrada pelo escolhido,
E estremecido do coração,
Passa ella os dias sempre rezando.
A Deus rogando por seu perdão.

Hontem alegre. sorria a todos,
Com certos modos, que captivava.
Hoje da moça (que triste sina!),
Era a ruina que se mostrava.

De Christo a serva, foi com humildade,
Que a integridade da alma lhe deu,
Pois para a freira ascética e triste,
Tudo o que existe, tuda morreu.



SUPPLICA AOS OLHOS

Olhos da còr da noite e húmidos de pranto,
Derramado, talvez, na solidão da alcova ;
Olhos celestiaes que os corações renova ;
 Olhos cheios de encanto ;

Olhos que choram muito, e lagrimas derramam
Sobre os petitos febris e lubricos dos noivos ;
Olhos que lembram bem a candura dos goivos
 Na campã dos que se amam ;

2*

Olhos pretos e azues, levemente roxeados
De um bistre sensual de perennes canceiras;
Olhos de casto amor das abnegadas freiras,
Em extase engolfados;

Olhos de verde-mar, olhos pardos, ardentes,
Que escondeis dentro em vós os mysterios pro-
[fundos],
E as grandes convulsões de milhares de mundos.
Dos cérebros potentes;

Olhos da Magdalena, ao soffrimento agonico
Do divino Jesus, no madeiro infamante ;
Olhos tristes de mãe, junto ao esquite do infante,
Olhos de amor platónico:

Olhos que concentraes o segredo instinctivo
Das tragedias sem fim do coração humano
Olhos féros e bons! ao meu soffrer insano
Trazei um lenitivo.



TISICA

Suffocada com a tosse áspera e forte,
Labios de um roxo-azul, olhos em pranto,
Vae seguindo, inconsciente, para a morte,
Essa creatura de auroral encanto !

O seu adelgado e airoso porte
De rainha feudal, dá-lhe, no emtanto,
A completa illusão de uma outra sorte.
Um sonho alegre, immaculado e santo !...

Sonha, talvez, com o promettido enlace,
Que ella entreviu, numa visào fugace.
Como um archôte em plena escuridade!

Sonha com a vida e sonha com a saúde,
Só não sonha, meu Deus! com o ataúde
Que vae guardar-lhe, em breve, a mocidade!



HOMO HOMINI LUPUS

(No album de um amigo.)

**Todos temos, em nós, um Sancho e um D. Quixote,
Sonhamos, muita vez, com ideás formosos,
Outras vezes, porém, nos fére, qual chicote,
O instinto bestial dos animaes leprosos!**



CANÇÃO

(Imitado de H. Heine.)

Que são tóxicos meus versos,
Dizes tu, e com razão,
Pois que os teus beijos perversos
Corrôeram-me o coração !

Nas minhas phrazes ardentes,
Ha, dizes, fogo letal...
Mas de minha alma as serpentes,
És a que mais me faz mal !

Mas este mal, se quizeres,
Sem receio, acreditar,
É o de todas as mulheres
Que amam só por amar.



VIRGENS

Visões aladas, sonhos ardorosos,
No alvorecer da alegre juventude,
Primavéra do amor e da saude.
Idealizando principes formosos ;

Carnes estuantes, olhos luminosos.
Trescalando o perfume da virtude ;
Vozes que lembram bem, de um alaúde.
Notas festivas. sons melodiosos :

Assim todas as virgens me parecem,
Quaes rózeas névoas que se desvanecem,
Nos céus que imagináram, céus risonhos!

Mais felizes, porém, são, em verdade,
As que não viram nunca a realidade,
E morreram envoltas nos seus sonhos!



SALVE, RAINHA

Vi-te na missa toda enfeitada,
Com ar alégre de apaixonada,
Lendo, baixinho, mil orações!
E, alli na egreja, mal tu sabías,
Que a muitos jovens, de amor ferias,
E lhes pizavas os corações!

Naquelle dia, oh! bem me lembro!
Chovia muito, foi em setembro,
Fazia um frio de tiritar.

Mas, terminada que foi a missa,
Como éras linda sob a peliça
De algum famélico urso polar !

E logo os moços do logarejo,
Pondo-se em álas ao teu cortejo.
Entoáram todos, com muito ardor.
Num estribilho de ladainha :
— « De entre as mais bellas, Salve, Rainha !
Deusa serena do nosso Amor ! »



MERETRIZ

Num cátre de hospital, abandonada e louca,
A syphilis corroendo o seu corpo caçado,
Com os olhos sem luz, sem falla e quasi mouca.
Vae, aos poucos, murchando, essa flôr do peccado!

O médico que a vê, esperança mui pouca,
De a salvar, alimenta. É um caso liquidado!
Tem, no entanto, a infeliz, a reflorir na bocca,
Um rictus sensual do seu viver passado!...

E os amigos de então, que em seu ninho luxuoso,
Se debruçavam nella, em syncopes de goso,
Possuindo-lhe, febris, a carne alvinitente?...

Nem a conhecem mais, e têm-lhe horrído nojo,
Pois que o seu corpo, agóra, é um fúnebre despojo
Sobre o qual o moscardo azóina ávidamente!



BUCOLICA

Minha querida, todas estas flôres
Que embalsamam o ar que respiramos.
Ellas e mais o sol com seus ardores
Não têm jámais os tons consoladores
Que nos teus olhos sempre contemplamos!

Nem a vívida luz das alvoradas,
Ou mesmo o pipilar terno das aves.
Têm o subtil frescôr das madrugadas,
D'estas madeixas louras, encantadas.
D'estes teus olhos mórbidos, suaves!

Que lembrança infeliz n'este momento
Me acudiu á razão, allucinada
Desde o dia do nosso casamento !
Impede-me um fatal presentimento
De t'o contar, ó minha doce amada!

Vamos, porém, deixar tudo o que é triste
E tudo o que não fôr pura alegria,
Visto que o nosso amor jámais resiste
Ao phraseado infantil que nos assiste
N'esta quadra de goso e sympathia.

Porque havemos de aqui chorar, querida,
Onde o sol é tão bello e as aves cantam,
Se a chorar nós levamos toda a vida?
Este mundo é a floresta escurecida,
Em que o Dante pintou dôres que espantam !

Ha por tudo isso uma alegria infinda
Que de um bello prazer me tantaliza!
Vejo a còr de teus olhos n'esta linda
Cúpula azul do céu, e mais ainda
N'esse volátil que pelo ar deslisa !



VERSOS A ZULEIKA

Ao vêr-te toda offuscante
Impressionando-me a idéa,
Lembrei-me da Paulicéa
Onde te amei delirante !

Vinhas co'a mãe e a irmâzinha.
N'uma celeste alliança!
Eras a mesma creança,
Dos meus sonhos a rainha!

3*

Quero-te sempre formosa
Como o sorrir de uma aurora ;
Quero que sejas, senhora,
Sempre ativa como a rosa !

Quero-te nos olhos bellos
Da estrella o fulgor eterno!
E que o meu beijo eviterno
Paire sobre os teus cabellos !

Quero-te flôr dos abrolhos,
Singela no seu tugurio !
Como esse ideal ceruleo
Que ha na luz d'estes teus olhos.

Este olhar teu, penetrante.
Onde uma volupia médra,
Mata-me como o de Phedra
Matava o seu louro amante.

O teu corpo se parece
Com um arabe amullete,
Ou com um lindo soneto
Que as maguas nos desvanece !

Eu adoro esta innocencia
Que o teu espirito encerra,
E toda inteira na terra
Tens de uma deusa a apparencia !

Tu tens da Beatriz do Dante
A pallidez seductora,
A candura da Elconora
E a paixão de Damayante.

A tua bocca assemelha
Uma reliquia chinesa,
Uma tulipa hollandeza,
Ou uma rosa, vermelha !

Uns olhos que dão trabalho
Tens sob as pestanas pretas ;
São como duas violetas
Humidecidas de orvalho.

Teus dois peitinhos vermelhos
Premidos sob o corpete,
Parecem-me dois coelhos
Na escada de um palacete !

Tuas mãosinhas de neve,
São, meu Deus tão delicadas,
Que a gente as toca de leve,
Com medo de as ver quebradas !

O teu coração, amada,
Lembra essas ambulas de ouro
Onde, qual rico thesouro,
Cae uma esmola sagrada !

O porte tens da Phrynéa
E o esplendor da Lucrecia !
És a Laís d'esta Grecia,
És dos meus sonhos a déa.

Teu olhar vivo, solerte,
Possue uma luz tão forte,
Que ao maior incréo converte,
Mesmo na hora da morte !

Tu és do meu *capuleto*
A mais divinal camelia ;
Ao vêr-te, lembra-me Ophelia
Enamorando o Hamleto !

O teu corpo de hespanhola,
Assim gracil como eu vi,
Lembra uma *japonerie*
Por sobre uma ventarola !

Tu és o meu relicario,
Lótus de um templo budhista,
Que amo, como um fetichista,
Ao deus do seu santuario!

Satisfazes meu anhelos,
Ó minha preciosa anémone,
Como a querida Desdemona
Satisfazia o de Othelo.

Sempre, ao ver-te decotada,
Tenho medo que o sol tise
O teu pescoço de cysne,
De pelle fina e rozada!

Ah! quando eu te vi fulgindo
Com a elegancia que vestes,
Estremeci como Orestes
Das Furias a greve ouvindo.

Teu nome é de um personagem
Que o Byron tem n'um poema,
Que mais ama que a Iracema
Co'o seu amor de selvagem !

Em ti amor concentraste
Do Hermann louro a Dorothea,
De Quixote á Dulcinéa,
E o de Andrómacha lembraste !

Quando simulas grandeza
Como uma deusa contricta,
Crê — tornas-te mais bonita
Do que outra qualquer burgueza.

Em te vendo assim zangada,
É quando mais eu te adoro !
Por isso mesmo te imploro
Que tenhas zanga dobrada.

Pois não vês que em ti prevejo
Um amor que te consome,
Esse amor que não tem nome,
E só se traduz n'um beijo?

Pois tu ignoras, querida,
Que os teus olhos não me enganam,
Que os seus raios não me inflamam,
Nem me consomem a vida?

E a razão d'isto é sómente
Não te importares das cousas !
Tu és como as mariposas
Que se perdem loucamente !

Mas em teu peito congela
Este amor que te consagro.
E isto me é muitissimo agro,
O minha Zuleika bella!

Se Sédan tive em amores,
Meu Maréngo em ti pretendo.
E eis porque não me arrependo
De encher-te toda de flôres!

Tenho esperanças que um dia,
Pesquisando-te, eu descubra,
— Beijando-te a bocca rubra,
Sorvendo etherea ambrosia, —

Que me queres com ternura,
Como o pastor que o monte,
Como o regato ama a fonte,
E ama o louco a loucura!

E então, ebrio de contente,
Mais louco que esse rei Lear
Que nos pintou Shakespeare
Com o seu genio potente,

Levar-te-hei no meu hombro
Como um trophéo triumphante.
P'ra te tornaes constante
Do mundo inteiro um assombro.

* *

Quando eu te vi deslumbrante
Impressionando-me a idéa,
Lembrou-me essa Paulicéa,
Onde te amei delirante!



NEVROSE DO GOSO

Quero-te nua, inteiramente nua,
Para beijar-te as fórmias palpitantes !
Quero unir minhas carnes delirantes
Ao teu corpinho alvissimo de lua.

É assim que beijar quero a bocca tua,
Os teus seios nervosos e offegantes !
Quero roubar-te aos olhos scintillantes
O amor que ha muito no meu peito actua.

Quero-te toda nua, inteiramente!
Ebria de amor por sobre mim cahida,
Louca de sensações e de desejos!

E eu hei de n'esse goso eternamente
Embrigar-te, talvez de mais, querida,
N'uma sonata harmonica de beijos!



AVE-MARIA !

Ave-Maria ! Cheia de Graça,
O' Virgem pura do amôr de Deus.
Vinde em auxilio de minha raça,
Da esposa e filho, de mim, dos meus!

Christo é com Vosco, Mãe soberana,
O' protectora dos desgraçados !
Baixai olhares á dôr insana
Que faz meus dias amargurados.

Bemdicta e amada pelas mulheres
E pelos homens, Vós sois. Senhora!
A Vossa Imagem com malmequeres
Refulge e brilha como uma aurora.

Bemdicto é o fructo do Vosso ventre,
Esse querido, meigo Jesus!
Virgem celeste, fazei com que entre
Dentro em meu peito suprema luz!

♦ ♦

Sancta Maria, sublime Sancta,
O' Mãe divina do Nazareno,
Dentro em minh' alma, Voss' Alma canta,
Qual um alegre, vibrante threno!

A Jesus-Christo, Rogai por nós,
Os peccadores impenitentes,
Nossa Senhora a quem meus avós
Ergueram templos sorprendentes.

Neste momento, e na extrema hora
Da nossa morte, mostrai-nos Deus,
Nossa Senhora, Nossa Senhora,
Ao filho e á esposa, e a mim, e aos meus.





MONOLOGO DE HAMLET

(W. Shakespeare.)

Ser ou não ser, eis a questão tremenda !...
É mais sobre soffrer as ferroadas
Da má fortuna que abrolhou a senda
Da vida ? ou contra um mar de dôr horrenda
Precaver-se, evitando-lhe as passadas ?

Morrer... dormir, parece que mais nada...
E dizer que n'um somno se esvae tudo
O que herdou nossa carne malfadada !
Eis a scena por todos desejada,
Que fizeram do mundo sério estudo !

Morrer... dormir, dormir!... talvez sonhar!...
N'isto consiste a mór difficuldade!...
Que sonhos poderíamos levar
Com o gelado somno tumular?
É esta a reflexão que a alma me invade!

Quem do mundo os desprezos soffreria,
A injuria do oppressor, a humilhação
De uma pobreza, a estólida agonia
E a insolencia da lei que calumnia,
Para ter como premio uma punção?

Quem estes fardos carregar quizerá,
Se o receio da vida após a morte
Tantas vontades grandes não vencera,
E se em outros mais fracos não fizera
Surgir de espectros temerosa cohorte!

É assim que a razão nos põe medrosos,
E que as côres de atroz resolução
Se somem nos caminhos pedregosos,
Perdendo o nome de actos valorosos!...
Eis Ophelia!... Silencio, coração!...



PAIZAGEM

(P. Bourget.)

A luz de uma suave e azul manhã de inverno
Completamente envolve o bosque, onde verdejam
Musgos. Ala-se o aroma. Aves na balsa adejam,
E nas suas canções ha um prazer eterno!

E desde a borboleta inquieta, em cujo terno
Peito côr de esmeralda e anil, sonhos doudejam.
Até aos grandes bois que no labor mourejam,
Tudo parece ter um gôso sempiterno!...

E eu que arrastando vou no esconso das florestas
As chagas de que o amor ha muito em mim padece.
Jámais virei gosar a bella primavera ?...

E nunca esquecerei as trahições funestas,
Como n'esta manhã virente a terra esquece
A neve, o vento frio e a encantadora héra ?



VIVER BRINCANDO



Como deve ser bom pensar como as creanças,
Como as creanças ter muitos sonhos suaves
E as cabeças gentis repletas de esperanças!

Ellas que têm na voz a guzla de mil aves,
Que como as aves têm uma eterna alegria
Na musica infantil que não precisa claves!

Quem me déra, senhora, eu ter como a Maria
Essa vida de estar sempre alegre brincando,
Como se a vida fôsse uma grande ambrosia!



Não levaria, então, como a levo : — chorando.
Teria como Pan uma flauta sonóra,
Para a vida levar como ella vae levando.

Seu continuo saltar pelo jardim afóra
Parece o de uma corça arisca, embravecida,
Ou de um passaro inquieto ao despontar da aurora!

Ri, papagueia e pula, e a face colorida
Tem o rubro esplendor das vermelhantes rosas,
De onde o aroma se exhala, e onde desponta a vida!

Tudo n'ella seduz, desde as suas formosas
E pequeninas mãos, ao lucido vestido;
Desde o seu pé *mignon*, ás madeixas cheirosas!

O estelifero rir, quando nos fére o ouvido,
Alguma cousa tem d'aquellas encantadas
Leituras infernaes que exaltam o sentido!

A voz tem o frescor de um milhão de alvoradas,
E os bellos olhos são dois pequeninos sóes,
Fugidos das regiões sidéreas, consteladas!

Ninhos de colibris, nuvens de rouxinóes
Se me afiguram ser suas madeixas louras
Que lhe beijam a fronte em lindos caracóes !

E o seu coração? oh! é como o das pastoras,
De uma innocencia alegre e cheia de ternura
Mais candido, talvez, que o das Eleonoras !

Como não é feliz essa infantil loucura,
Esse alegre viver de bella insensatez,
Julgando o mundo ser uma eternal ventura!

Só ellas têm, senhora, o que não conheceis :
— Um amor ideal, amor immaculado,
Como um lótus pagão de um templo japonez !

Como deve ser bom pensar como as creanças,
Como as creanças ter muitos sonhos suaves
E as cabeças gentis repletas de esperanças!

Ellas que têm na voz a guzla de mil aves,
Que como as aves têm uma eterna alegria
Na musica infantil que não precisa claves!



PUBERE

Despreoccupada e alegre, Dulce caminhava
Pelo jardim da sua adolescencia...
Ella, tão linda, nem sequer sciencia
Tinha do amor e n'isso não pensava.

Dezeseis primaveras já contava,
E no entanto seu pae, da longa ausencia
Do catamenio astral, da pubescencia,
Nenhuma explicação ao caso achava.

Uma tarde, porém, pallida e fria,
Dulce contou á mãe, que já sentia
Romper do ventre o canticó adorado.

Era a aurora gentil da mocidade,
Tornando-a ápta á fecundidade,
E a ser a mãe de um príncipe encantado.



DO INTERMEZZO

H. Heine.

Eu sonhava : meus olhos encharcados
De lágrimas. sentia ;
Sonhei que estavas no sepulchro, morta,
E bem morta eu te via!...
Era apenas um sonho, mas despérto
Chorava todavia.

De outra vez eu sonhando, pelo rosto
O pranto me corria ;
Sonhei que te arrancava do meu lado
Alguem, minha alegria!...
Não passára de um sonho, mas accórdo
Chorava todavia.

Eu sonhava... Afogavam-me os soluços.
O pranto me encharcava...
Sonhei que me beijavas muito e muito,
Que eras minha eu sonhava !
Foi apenas um sonho, um simples sonho,
E agora choro mais que então chorava.



DO ALTO DO CORCOVADO

Vê a que grandes alturas
Chegámos, minha querida!
Aqui não ha desventuras,
Aqui se gosa mais vida.

Céream-nos palmas e flôres,
Aves, canções, e ares puros!
E não ouvimos rumores
De imprecações e esconjuros!

Sob aquella casaria,
Ha uma miseria immensa!
A vida é uma phantasia
N'essa necrópole extensa;

De um lado a agua dourada
Pela luz do sol que medra,
Mais além uma encantada
Rica epopéa de pedra!

Ao longe o sol foge em brazas,
N'umas fogueiras sarcasticas.
No mar as vélas são azas
De alvas gaivotas phantasticas.

Junto de nós a floresta,
Os bogaris e as violetas,
Parecem viver em festa
Com as gentis borboletas.

De tudo isto por cima,
Como um pállio auri-estrellado.
Vemos bem que nos anima
Este céu tão azulado!

Aqui minh'alma se expande,
Mas com temor de menino,
Pois que a natura é tão grande
E o homem tão pequenino!



IDEAL

Venus, deusa pagã de altiva realeza,
Cujo corpo ideal, cuja cabeça airosa
E redondos quadris, são a mais primorosa
E gentil perfeição da plastica belleza ;

Venus, mytho sublime e cheio de grandeza,
Quando surgiu do mar como um botão de rosa,
Não tinha a tua voz suave e harmoniosa,
E não possuia alfim teus olhos de princeza !

És a Venus christã de um templo mais moderno,
Mais cheio de paixões nevrosthénicas de arte,
Em que a carne solfeja a Volupia do inferno.

És o lótus budhista, o rubi do Oriente,
És..., eu já não sei mesmo a que eu hei de egualar-te.
Quando louco contemplo o teu seio fremente !



FRANCISCA DE RIMINI

(DANTE)

Eu comecei : — poeta, vês aquellas
Sombras que são levadas pelo vento ?
Tinha desejos de fallar com ellas.

E elle me respondeu : — « mais um momento,
E se approximarão do nosso lado.
No amor lhes falla, lograrás o intento ».

Vendo-as approximar, rapido eu brado :
— « Vinde oh ! almas assaz desventuradas
Fallar-me, se isto não vos é vedado. »

Bem como duas pombas, instigadas
Pelo amor, para o ninho vão ligeiras,
N'um só aneio, as azas espalmadas,

Assim aquellas sombras feiticeiras,
Da terra onde está Dido, vêm correndo
A attender minhas supplicas primeiras.

— « Oh amavel mortal que n'um tremendo
Logar nos visitas e não 'stremeces !
Nós manchamos o chão de sangue horrendo.

Fariamos por ti bem longas preces.
Se ellas chegassem ao eterno ouvido,
Já que do nosso mal te compadeces !

Nós prestaremos o maior sentido
A essas perguntas que terão respostas,
Se nos fôr pelo vento permittido.

A terra onde nasci fica nas costas
Do mar, lá onde o grande Pó descança
A par de outros, de origens mil suppostas!

O amor nasceu qual rapida esperança
N'este, que uniu ao meu seu corpo alado,
E que o raptou em perfida vingança!

O amor, que não esquece um bem amado,
Inspirou-me um prazer bastante forte,
Que, como vês, não hei abandonado!

O amor nos conduziu ambos á morte ;
Quem nos matou irá para as caínas ». —
E acabou de fallar por esta sorte...

Depois de ouvir as sombras peregrinas,
A cabeça inclinei de tal maneira
Que Virgilio me indaga : — « em que imaginas? »

5*

Então lhe respondi : — « quanta fagueira
Esperança e talvez quanta alegria
Não os precipitou n'esta fogueira !

E voltei-me com muita sympathia :
« Francisca, todos estes teus tormentos
Acarretam-me um mal que me agonia !

Dize-me : ao tempo dos gentis momentos,
Como se revelaram teus amores,
Estes ternos e grandes sentimentos ? »

Disse-me ella : — « Não ha maiores dôres
Que a lembrança de um tempo afortunado,
Despertada em miserias entre horrores !

Mas já que tens tua alma interessada
Em o inicio saber d'esta amizade,
Vou contar-t'o, de prantos inundada ;

Estavamos a ler, mas sem maldade,
Na historia de Lanciotto o amor brilhante,
Que nos tentou n'aquella soledade.

Muita vez, meu olhar, de instante a instante,
Seus olhos encontrou com certo pejo ;
Mas o que achámos mais interessante

Foi quando a terna amada aceita um beijo
De quem de ha muito a estava appetecendo !
Paulo, todo embriagado de desejo,

A bocca me beijou, todo tremendo.
De Galleotto era a pagina querida !
E mais dia nenhum passamos lendo » .

Emquanto ella fallava em voz sentida,
Chorava Paulo ; e eu, como atordoado
Cahi, bem como um corpo cahe sem vida.



TRIOLETS

Nun cartão postal.

Neste postal tu me ordenas,
Escreva algum pensamento.
Com phrases doces, amenas,
Neste postal tu me ordenas :
— « Verseje com sentimento,
— « Versos com azas e antenas ».
Neste postal tu me ordenas
Escreva algum pensamento.

Menina dos meus peccados,
Senhora dos meus amôres,
Por mais que eu tenha cuidados,
Menina dos meus peccados :
— És borboleta entre as flôres,
Levadinha dos diabos,
Menina dos meus peccados,
Senhora dos meus amôres!



CARTA A WALKIRIA

N'esta cartinha que vaes ler
E meditar,
Não poderás deixar de vér
O meu pesar,

Vermelho e aspero como essa
Bocca de santa.
Que tem de per'las uma espessa
Linha que encanta,

E que possui sempre uma voz
Rica e maviosa,
Que, ainda quando a tens feroz,
É graciosa.

.....

Não respondeste a uma missiva
Por desconfiança,
Quizeste-te fazer altiva,
Bella creança.

Por que razão desconfiaste
Do meu caracter?
Será porque tu nunca amaste,
E... lès Lavater ?

Mas eu que, como um louco, te amo,
Tudo perdôo,
Como a floresta ao gaturamo
Que ensaia o vôo,

Tal como a noiva ao noivo amado
Que a contraria,
Como um poeta a um prisma alado
Que o extasia.

Tu pensas ser igual a Momo,
O deus do amor.
E zombas d'elle tanto, como
Zombas da flôr,

Que pões nas tuas tranças pretas,
Para chamar
Os colibris e as borboletas
Que andam a amar!

.

Walkiria, juro-te, eu estou
Um tanto triste.
Sabe, pois, tu que me constou
Que alguém resiste

Ao projectado nosso enlace.
Ao nosso amor!
Desengana-os tu face a face,
A teus paes, flôr.

Faze-lhes vêr que um coração,
Puro e innocente
Como esse teu, tem um brazão!
— O amor, sómente!

Conseguirás o que quizeres,
Pondo-lhes medo.
Pois este dom tem-n'o as mulheres
E esse segredo.

Vae-se alongando esta cartinha,
Vou terminar
Mas, que vontade, amada minha,
De continuar!



LASCIATE OGNI SPERANZA...

Dentro do hospício, percorrendo eu ia,
Uma por uma. as cellas infectadas.
Um mal-estar meu coração sentia,
Ao vêr almas gentis tão desgraçadas!

Tão dolorosa casa eu percorria,
Tendo no peito dôres represadas...
Em alli estando, vêr me parecia
As almas pelo Dante condemnadas.

Nevropathas, maniacos brilhantes,
Havia alli de tudo, — delirantes
Rindo e cantando a minha propria dôr!

Das desgraças sinistra analogia :
— A do louco gerado pela orgia,
E a do louco gerado pelo amor!



SOFFRER É VIVER

(De Campamor.)

Maldizendo a minha dôr,
A Deus clamei d'esta sorte :
— « Fazei que o tempo, Senhor;
Venha tirar-me este amor
Que me quer trazer a morte ». —

Meus pedidos escutando,
Deus se metteu de permcio.
E á sua ordem acordando,
Correndo, ou, melhor, voando,
Como sempre, o tempo veiu.

— « O teu mal eu vou curar » —
Disse; e quando o bem que adoro
Do meu peito quiz tirar,
Tive um afan de chorar
Que hoje ao lembrar-me inda choro!

Temendo minha paixão,
Penas soffri tão estranhas
Que ensinei ao coração :
Que uma mesma cousa são
As minhas penas e entranhas!

E feliz com minha dôr
Diz minh'alma arrependida :
« Dizei ao tempo, Senhor,
Que não me arranque este amor
Porque assim tira-me a vida. »



SILENCIO !

(*Paraphrase de Edgard Pöe.*)

Escuta, — disse o demonio,
Chegando de um pandemonio,
Pousando a sua mão sobre a minha cabeça :
— A nação de que fallo é uma nação espessa,
Mui lugubre e barulhenta
Lá na Lybia fêroz, junto do Zaire ás margens,
E cuja agua lamacenta
Não escorre para o mar,
Mas palpita sob o olhar
De um esquentado sol das regiões selvagens !

De cada lado do rio,
 Se avista ao longe um sombrio
 Deserto colossal, pando de nenuphares.
 Erguendo os espectraes pescoços pelos ares,
 E meneando as sempiternas
 Cabeças. E d'alli sahe um grande sussurro,
 Igual ao que ha nas cisternas
 E em subterraneos profundos !
 Por arbustos furibundos,
 Limita-se o paiz que descrever procuro.

Dos seus cumes elevados
 Cahem pingos emper'lados !
 E estorcem-se a seus pés, n'um agitado sonho,
 Mil flôres colossaes n'um florescer medonho !
 E sobre ellas, n'um tocante
 Ruge-ruge infernal, rolam as nuvens pretas
 Lá para o horisonte ovante !
 E ahi nas margens do rio,
 Paira da morte esse frio
 Que nos põe d'essa côr tão roxa das violetas !

À noite, a chuva cahia.
 No ar a agua era o que eu via ;
 Quando chegava ao chão, porém, eu via exangue
 Que aquella agua do céo se transformava em sangue !

E eu na planície lodosa,
Vendo a chuva cair sobre mim lentamente,
Como uma cousa maldosa,
Olhei, com um triste aspecto,
Dos nenuphares o leito :
Vi com desolação que a soffria contente !

De repente vem a lua
E em nuvens rubras fluctua !
E o meu olhar cahiu sobre um rochedo enorme,
Sombrio, que se erguia á borda d'esse informe
Rio, tendo a claridade
Da refração lunar ! Era um rochedo horrendo,
Immenso como a maldade !
Tinha em si lettras gravadas
Nas pedras escalavradas !...
E eu corri para vêr essas lettras, tremendo !

Diziam : Desolação !
Levantei a vista, então :
Na crypta do rochedo estava uma figura
Toda de fórma astral ; trajava com finura
A antiga toga romana,
Que dos hombros aos pés cahia majestosa !

E eu não lhe vi fórma humana,
Mas, lembra-me com saudade,
Que era toda divindade,
Sua fórma ideal scintillando garbosa !

Tinha a fronte pensativa,
Porém firme e sempre altiva !
No seu semblante eu lia as lendas das desgraças.
O horror á humanidade, o odio a todas as raças,
E o amor pela solidão !
E então eu me occultei, vendo o que elle fazia :
Com a cabeça sobre a mão,
Assentou-se no rochedo,
E, firme como o penedo,
Foi espriando o olhar por tudo o que elle via !

Comtudo a noite avançava
E elle não se levantava !
Depois olhou p'ra o rio, ouvindo as murmurantes.
Tristes lamentações das aguas sussurrantes !
No meu escondrijo, emtanto,
Eu lhe espreitava attento o menor movimento
Com a paciencia de um santo !
E a noite ia-se adiantando,
E sentado foi ficando !...
No bosque eu me embrenhei, porque rugia o vento.

Evoquei os elementos,
E então cheia de tormentos
Medonhòs, uma enorme e horrivel tempestade,
Cahiu por sobre toda aquella soledade !
Cahiam em massa as aguas,
O rio enfurecido espumava, a floresta
Lamentava suas maguas :
O rochedo estren ecia !
E, sentado. elle assistia
Ao tetrico sabbat d'essa medonha festa !

Amaldiçoei esse horror
E sobreveiu o clamor !
N'esse interim, eu vi o escripto do rochedo :
— SILENCIO ! — elle dizia e eu li, mas não sem medo !
E eu vi d'esse homem no rosto
A pallidez mortal dos homens sepulchraes !
É que um profundo desgosto
Cobria-lhe o corpo todo,
Como aos sapos cobre o lodo !...
SILENCIO ! — Eu pude ler na rocha e nada mais !

Esta tão medonha historia
Jamais perdi da memoria !
Foi o anjo do mal que m'a contou, sentado
De noite, junto a mim, na campa de um soldado !

Quando acabou de fallar,
Desatou a sorrir n'um zombar inclemente !
E eu só queria chorar !
E, como rir não podia,
Elle augmentou-me a agonia,
E eu fiquei a olhal-o allucinadamente !...



ANTE O BUSTO DE SHAKESPEARE

Poeta, a cuja intuição assaz preclara
A paixão, o delirio, o amor, o goso,
O odio, a ganancia e o ciume perigoso,
Fôram descriptos de uma fôrma rara :

Tu, cujo éstro genial adivinhára
A hysteria no Hamleto silencioso,
Que creaste um Yágo rancoroso,
E uma Miranda, de alma pura e clara :

É que és o meu mestre. — E Macbeth, Ophelia,
Imogenia e Volumnia, e essa Cordelia
Santa, filha gentil do louco Lear ;

Ellas, e o teu estylo scintillante,
Cantam-me n'alma um evohé vibrante !...
Tal teu poder, ó grande Shakespeare.



Á CASA PATERNA

Quanta lembrança dulcida e saudosa
Me despertas, oh! casa idolatrada!
Foi no teu ventre que illusões de fada
Nasceram de meus sonhos côr de rosa...

Era aqui que meu pae, alma grandiosa,
Me mostrava do mundo a du.a estrada :
— « Ella é terrivel, filho, é desgraçada.
Coragem para a lucta temerosa. » —

Reconheci depois esta verdade,
Que aos poucos me despiu d'essa cegueira
Em que se vive toda a mocidade.

Ó casa, que eu gosei quando creança !
Recebe esta visita derradeira,
Como o alento de uma ultima esperanza.



O CINCO DE MAIO

(De A. Manzoni.)

Morreu... como se fôsse um moribundo
Qualquer, soltando o ultimo suspiro !
E o seu corpo, tão grande como o mundo,
Quedou-se emfim sem um vital respiro.
Assim, a terra, attonita, entristece
Ouvindo esta noticia dolorosa,
Do trespasso de um homem que parece
Ter dos astros a vida fulgurosa !

Em deslumbrante cúspide, esplendente,
Eu vi-o majestoso, enaltecido :
— Cahiu depois, relampago fulgente,
Este leão por todos nós temido.

Ao resoar dos brados de victoria,
Gritei : — « Virgens de abjectos vencedores
E de falsos heróes, a sua gloria
Viverá nas canções dos trovadores. » —

Dos Alpes ás pyramides do Egypto,
E desde Manzanares té o Rheno,
Aos echos estentóreos do seu grito,
Tudo ficava humilde, e mais : — sereno.
Gloria ? — deixemos que o porvir decida.
Calemo-nos ante este deus humano,
Este ser que endeusou seu nome em vida,
E fez do espirito almo um soberano !

No anhérito pujante e proceloso,
Na ancia de um peito que ao dominio aspira,
Tudo alcançou este homem poderoso,
Cujo futuro esplendido ante-vira !
A maior gloria viu a humanidade
N'aquelle homem, que foi um cataclysmo,
No leão que rugiu com majestade,
Calcando altares, e transpondo o abysmo.

Seu nome tem a força do canhão
E aos homens do seu sec'lo impõe respeito
Quando ouvimos dizer : — NAPOLEÃO ! —
Sentimos bem que está em nosso peito.
Elle cahiu ferido pela morte,
Na árida ilha, aonde arrojado fôra.
Sim, esta é sempre dos heróes a sorte,
Aos quaes a gloria toda a vida doura.

Bem como o triste náufrago perdido,
Que á tona d'agua um pouco se sustenta,
Assim tambem ao patrio lar querido,
De voltar uma esp'rança o acalenta !
De tal maneira o peso das memorias
Veiu abatel-o como uma ave horrenda,
Que muitas vezes, recordando glorias,
Dilacerou a pagina estupenda !

E quantas vezes, ao morrer do dia,
Nos seus dias felizes não pensou !
A grande, desigualavel agonia
Appareceu nos campos de Waterlôo.

A avidez dos condores soberanos
E a valentia eterna dos leões,
Tinham os seus soldados sobrehumanos,
As suas esforçadas legiões.

Da sorte succumbiu aos duros tractos,
Mas um anjo desceu do firmamento
E, enthiasmado por seus grandes factos,
Expungiu-lhe da frente o soffrimento.
Depois, por entre a esplendida atmospherá,
Levou-o como fulgida creança,
Da gloria á imperecível primavera,
Á região ethérea da esperança !

Ó fé, Gloria immortal e triumphadora,
Venceram afinal tuas metralhas !
Desappareceu a alma seductora
E rútila do Christo das batalhas !
— « Seu cadaver é grande como o oceano.
E é Deus que o leva para o seu mysterio, —
Disse o anjo, e para o frio corpo humano
Fez do seu manto um tumulo funereo.



MATER DOLOROSA

Pallida e loura, muito loura e fria.

ANTONIO FELIÓ.

Pobre mãe, como chora allucinada,
Vendo que a sua unica alegria
Jaz a seus pés, qual illusão alada,
Pallida, inerte, esmaecida e fria !

A todo o instante ao peito aconchegada
Em ardente explosão de atra agonia,
Traz sua pobre filha idolatrada,
Pallida, inerte, esmaecida e fria !

Dize-me oh ! tu, psychologo que expandes
Theorias, haverá dôres tão grandes
Como essa que as mães nossas atrophia ?

E tu, oh ! pae de uma alma bem formada.
Chora com esta mãe a filha amada,
Pallida, inerte, esmaecida e fria !



TEDIO

Sempre levei a minha vida
A padecer,
Dentro em minh'alma, uma ferida
As fibras rasga-lhe, querida,
E a faz soffrer.

Meu corpo é como os livros, onde
Lê muita gente
Alheios males, mas que esconde
Um mal peor, e nem responde
Maguadamente !

Gente ha que mostra ser feliz
Com fingimento,
E quando a sós, eu sei, maldiz
Da sorte, que é para o infeliz
Grande tormento.

Eu não conheço a hypocrisia
Nem sei mentir!
Eu julgo o amor una poesia
Que ao incauto illude, e que extasia
Com seu sorrir!

O mundo e feito de illusão,
Tudo apparente!...
É um sepulchro com brazão
De ouro, occultando a podridão
Unicamente.



DO « HAMLET »

ACTO III, SCENA IV)

HAMLET, fallando a sua mãe e apontando para dois retratos :

Olhae esse retrato e para este outro olhae,
Ambos de dois irmãos, um d'elles de meu pae...
Vêde a graça infantil d'este bello semblante : —
— Tem os olhos de Marte e a altitude brilhante
De Mercurio, encarando a cupula celeste!
Era o vosso marido, aura fresca do oéste...
Agora do outro lado, o infame fraticida
Vereis : o outro marido, uma alma fementida !...
Deixastes de viver n'uma eminencia bella,
Para amardes um cão, um nojento farpella !...
Chamaes a isto amor? — Sei que não se incendieia
O sangue em vossa idade, e a razão bruxoleia !...

(Mostrando os dois retratos)

Quem quererá passar do bom p'ra o que não presta ?
Certo que percebeis : se assim não fôra, lesta
Não andaríeis, mãe...

Vossa razão dormia...

Mesmo porque a loucura erro tal não faria !...
Oh ! sim, a percepção nunca chega ao delirio.
Quem diabo seria o auctor d'este martyrio ?
A vista sem o tacto, o tacto sem a vista,
Uma parte qualquer que em vosso corpo exista,
Não seria, estou certo, estúpida assim tanto !...
O'vergonha, onde está o teu rubor, teu pranto?...
A virtude não mais será p'ra a mocidade
Que a cêra que amollece em qualquer claridade !...
Que a deshonra não vença a supplica de um beijo !...
A falta de razão prostitue o desejo...



THESOURO

Esses cabellos fulvos e dourados
Como uma espiga cheia, reluzente,
Expondo a um só de Maio os estrellados
Louros fios da cõma auri-fulgente;

Elles, amada, e mais esses rasagados
Olhos (lagôas onde humildemente
Se miram tantos sonhos meus alados,
Como as per'las na tua boca ardente),

São todos para mim como um thesouro,
Que eu guardo e velo, como um avaro,
Esconde e guarda inapreciavel ouro!

•

Mas, como eu deixarei de ser avaro,
Se isso que tu possues é um portento,
Se tudo o que amo em ti é mais que raro?

•



ALGIDA

Adoro-te, creança,
Quero-te tanto, tanto,
Qual marujo a bonança
Nas ondas de Lepanto!

Crê, um só olhar teu
De modo me extasia,
Que me julgo no ceu
Da tua phantasia.

E pouco importa á Arte
Que tenhas dono : apenas
Ella quer estudar-te
Nas *chics* fórmãs morenas.

A religião do amor
Nunca te pôz constricta !
Como a camelia, és flôr
Sem cheiro, mas bonita!

O pintor e o poeta
Em ti só vêm modêlo.
Tens uma alma de asceta
E um coração de gêlo!

Contudo, sinto em mim
Um prazer bem profundo :
— Amo-te, cherubim.
Como a ninguem no mundo.



FLOR DE MARMORE

Na pallidez da tua face, n'esse
Cabello louro scintillando airoso,
Fico extatico, tremulo, medroso,
Qual se um iman meu corpo percorresse.

É que tómo por ti tanto interesse,
É que este meu amor, demais fogoso,
Quando te vê tem extases de goso!...
E tu, como se nada acontecesse!

No entretanto (apezar d'esta frieza),
Ainda te adoro, ó pequina louca,
Ainda te quero, ó flor do meu desejo!

E, para dissipar esta tristeza :
— Por castigo dar-me-has a tua bocca,
Para que n'ella eu deposite um beijo!



O AMOR

Decantado elle foi nos poemas de Homero,
Da *Iliada* ideal á *Odysséa* encantada.
Em Andromacha, ao ver Heitor morto por féro
Imigo, e na mulher de Ulysses, na chorada
Ausencia d'esse heróe que nunca esqueceria !

Teve a concentração profunda de um estudo
No grande Shakespeare, esse colosso humano !
E na loucura atroz do D. Quixote ossudo,
A grandeza assumiu de um hysticismo insano,
E a frialdade mortal de uma grande ironia !

Que lamentem em vão nossos Werthers modernos,
Todas as Lauras e — todas as Dorotheás!
Que os novos Dantes têm outra especie de infernos,
E os poetas milhões de bellas Dulcinéas,
Que alimentam os seus voluptuosos amores!

D'esse numero eu sou tambem, minha querida!
O meu intenso amor é como a luz do sol
Que as aves em canção julgam que seja a vida!
O amor é como o bello : — um fulgido crysol,
Cheio de rouxinoes, de primavera e flôres!



CARTA DE AMOR

Eu venho, n'esta missiva,
Dizer que tu és altiva,
E que não tens coração,

Visto que, flôr dos abrolhos,
Só vejo n'esses teus olhos
O sonho de uma illusão.

Dizer que muito te estimo,
Como dos montes o cimo
Adora a aguia altaneira,

É n'uma phrase eloquente
Dizer-te tudo o que sente
Uma paixão verdadeira!

Quando eu te vejo á janella,
Acho-te ainda mais bella
Do que no passado dia!

É porque eu amo, querida,
Teus olhos — a minha vida,
Teus seios — minha alegria!

Da pupilla rutilante
Dos teus olhos, sae radiante
A cymba do nosso amor

Cantando o triumphal hymno
Da luz n'um sonho divino
Que desabrocha na flôr!

Quando tu entras na egreja
Mais rubra que uma cereja,
Espreito a furto os teus pés.

E então me vem logo á mente
Aquella sarça candente
De que fallava Moysés!

Se o Perugino existisse,
Se o Raphael Sancio visse
A tua grande belleza,

Serias as Fornarinas
Das suas telas divinas.
Com muito mais realza!

Ponto final n'esta carta
Desde que n'ella se encarta
O fogo de uma paixão,

Que, sendo flôr dos abrolhos,
Só vê nos teus bellos olhos
O sonho de uma illusão!



ENTRE SCYLLA E CHARYBDES

•

Tanto calor aqui, junto ao teu seio,
E no entanto lá fóra a chuva triste,
Tomba molhando a rua em que me viste
E em que tambem te vi, não sem receio!...

Tanto calor aqui, e vês : — não creio
Que o teu amor (se amor aqui existe),
Traduza o meu, bem como traduziste,
O que eu te disse ha dias em passeio !

Tanto calor aqui, frio lá fóra!
Frio que faz tremer, frio de morte,
Frio que empallidece a propria aurora!

Como queres que eu sáia, então querida?
Se o frio d'essas ruas é tão forte,
E o teu calor me alenta e me dá vida!...



PRISIONEIRO ETERNO

Perguntaste-me condoida,
Ao vêr-me em profundo tédio :
— Que dôr é esta, homicida,
Rebelde a todo o remedio ?

E eu, tua inquietação vendo,
Disse, mostrando o meu peito :
— Ha um coração soffrendo
Aqui n'um carcere estreito.

Lucta, lucta o dia inteiro
E nem á noite descança
Este infeliz prisioneiro
Em quem não brilha a esperança!

Oh! a esperança, luz fatua,
Sereia de todo o norte,
Que até n'um peito de estatua
Só desaparece com a morte!

Que mal elle fez ao mundo,
E a Deus, que mal elle ha feito,
Para o seu odio iracundo
Ferir-lhe em cheio no peito?

A sua vida agitada,
Motu-continuo da vida,
É de Damocles a espada
De um tenue fio pendida.

Eu me lembro que te disse
Outras cousas mais pungentes
E vi teus olhos, Alice,
..Jorrarem perolas quentes.



14 DE JULHO

Homens de Oitenta e Nove, oh! grandes luctadores,
Minh'alma quanta vez, relendo a vossa historia.
Essa lição sublime, essa estupenda gloria,
Da massa popular contra os régios terrores,

Não sentiu invadir-lhe a fonte dos amores
O entusiasmo febril que entontece a memoria!
Vós sois o grande sol, e os reis, luz merencoria,
Que se some, atravez dos nossos esplendores.

Danton, Robespierre e Jean-Jacques Rousseau.
O louro Désmoulins, o grande Mirabeau
E os heróes da Bastilha, anonymos sublimes,

Os apóstolos são de toda a humanidade!...
O « Contracto Social » vos guiou ná verdade
E a musica de Lisle exaltou vossos *crimes!*



REVENDO O PASSADO

— « Foi esta a casa em que nasceste » — disse
Minha mãe, um palacio me apontando;
E, talvez áureos tempos recordando,
Deixou que sobre os hombros meus cahisse

Uma lagrima. — E sem que eu lhe pedisse,
Os recantos me foi então mostrando.
Té que n'um largo quarto ajoelhando,
Pòz-se a chorar em subita doudice.

Fôra alli que meu pae tinha morrido !...
Pouco depois, loura creanga eu via
Entrar cantando em festas e alarido...

Ó real, triste imagem da existencia !
Por onde sahe a dôr entra a alegria,
Onde a morte existiu brincá a innocencia !



SOMBRA

(De Edgard Poe.)

Vós, leitor que me lêdes, certamente
Que ainda estaes entre os vivos, bem contente :
 Porém eu, que escrevo agora,
Ha muito que terci partido d'este mundo
 Para esse outro que apavora,
Que nos enche de horror e de um medo profundo !...
 Depois d'este escripto lido,
Que eu aqui n'estas paginas encerro
 Co'um estylete de ferro,
Só o acreditará quem já houver soffrido !

Fôra de horror o anno que passára,
Sopezado por uma dôr ignara
Para a qual não ha na terra
Um nome ! — Mil signaes se haviam produzido!
E a peste no mar, na serra,
Por toda a parte alçava o seu gladio luzido...
Os sabios não ignoravam
Que uma desgraça o ceu presagiava!
Eu, porém, acreditava
Côm Oínos, que dois planetas se encontravam.

Uma noite ficámos encerrados
Os sete, em Ptolomais, mção assentados
N'uns tristes bancos sombrios !
Havia em torno a nós o vinho capitoso
E purpurino de Khios...
O negro cortinado, ao aspecto, horroroso
Triste e lugubre, da lua
E das estrellas nos poupava o olhar !
Chegavamos a chorar,
Não ouvindo sequer um rumor lá na rua!

Perto de nós, e em nós proprios havia
Cousas, que descrever não se ousaria :
— Uma atmosphera pesada,
Uma como agonia e sensível tristeza !
E então nos agoniava

Um estado febril d'essa existencia accesa
Que ataca a gente nervosa,
Quando o espirito sobe e a idéa cança!...
Sentiamos uma lança,
Sobre tudo mecher, de uma fôrma espantosa!

Oh! tudo estava alli desalentado,
Menos as sete luzes, que do estrada
Aclaravam nossa orgia!...
A mesa, reflectindo a dubia claridade
D'essas luzes, parecia
Um grande espelho negro, onde a fidelidade
Havia, sinistramente,
Da lívidez das faces mais altivas
De alguns dos nossos convivas,
Que estavam a cantar, como qualquer demente!...

Com o canto, o terror abandonámos,
E então a rir nós todos começamos!...
De Anacreonte as cantigas,
Recitámos. — Depois bebemos fartamente
Bom vinho em taças antigas.
O joven Zoilo morto, amortalhado, algente,
Que era o demonio da scena,
Estava alli! seu rosto muito inchado
Sem esse brilho vidrado
Dos olhos, parecia uma esphinge serena

Dos olhos seus desviei-me com receio
E puz-me a cantar versos, de permeio !
Rápido cessou meu canto.

Os raios e os trovões de subito se somem !
E eis que surge por encanto
Uma sombra (egualando a uma sombra de um homem,
Mas não era infelizmente,
Sombra humana ou de cousa conhecida !
Era informe, indefinida,
Erecta, e sem dizer uma palavra á gente !

E os pés do joven Zoilo amortalhado
Estavam juntos do vulto endiabrado !
Nós, os sete companheiros,
Porém, vendo-o sahir mudo como um segredo
Por detraz dos reposteiros,
Não lhe ousámos fallar, tal era o nosso medo !
Atrevi-me a pronunciar,
Por fim, umas palavras, perguntando
O seu nome miserando !...
E o vulto que me ouviu começou a fallar :

— « Eu sou a *Sombra*, e perto dos sepultos
De Ptolomais, móro com outros vultos.
Nas planicies infernaes,
Proximas do canal impuro de Charonte ! » —
A estas palavras fataes.

Frememos, e o suor nos inundou a fronte !...

E aquella voz, modulando

As inflexões da phrase que dizia,

Nossos oídos feria,

Fazendo-nos lembrar moribundos chorando!



A GIUSEPPE VERDI

Grande Giuseppe Verdi, oh! mestre da harmonia!
Teu nome é para mim como essa luz brilhante,
Que espança a escuridão de um se'lo agonisante,
Como este que se finda em tétrica hysteria.

A musica ainda hoje invoca uma alegria
E altissimo prazer n'um coração amante.
Shakespeare do som, e da harmonia Dante,
E's o egregio cantor de excelsa melodia!

A invasão do vapor e da electricidade,
A marcha triumphal dos ideaes fulgentes,
Que abrem novo caminho á velha humanidade.

.

Não suffocam do bello as grandes concepções :
E, enquanto n'este mundo houver peitos ardentes.
A musica fará pulsar os corações.



LONGE !...

Ha um mez que partiste e no entretanto
Eu te vejo, querida, nos meus sonhos!...
Ha um mez que partiste e o teu encanto
 Como enxames risonhos

De aéreas illusões e beija-flôres,
Inebria-me tanto, que até penso
Estar perdido n'esse mar immenso,
 Que tu dizes, de amores!



VELHICE PREMATURA

Como é bella e gentil a minha amante !
Tem uma voz suave e harmoniosa,
Lyrio nos dentes e nas faces rosa,
No olhar o ethéreo azul de um ceu radiante !

Venus seria menos fascinante
Que a minha amada, a minha flôr mimosa
Perto d'ella, é Phriné defeituosa,
E não tem seus encantos Damayante

Uma cousa, porém, a traz magoada :
— É uma nuança nívea, prateada,
Que nascendo lhe vae na cabelleira.

No entanto essa velhice prematura,
Maior destaque põe á formosura,
Déssa crença gárrula e faccira !



NA FLORESTA

(Barcarola.)

Querida, que desventura
N'esta campina deserta?
A lua é qual chaga aberta
No collo azul da natura.

Tudo está placido e quedo,
Nem um mugido de boi!
É que a alegria se foi
Co'o dia pelo arvoredos.

Volto-me a um lado e a ramagem
Espessa encobre-me o olhar.
Vejo uns fios de luar
Surgirem d'entre a folhagem!

A aura passa ligeira
N'uma canção indolente,
Como um silvo de serpente
Ou pio de ave agoureira.

Nas frinchas dos laranjaes,
Como uma nota de idyllo,
O luar semelha-se a um lyrio
De proporções ideaes.

As arv'res, sob este veu
Azul de côres espessas,
São espectros sem cabeças,
Co'os braços hirtos ao ceu.

Da lua sob os clarões,
Os leques d'estas palmeiras
Parecem caudas faceiras
De agigantados pavões.

Paira uma enorme tristeza
No centro d'esta floresta.
A esta nocturna festa
Prefiro a vida burgueza.

Não vejo nada que preste,
Quando de ti me acho longe !
Vivo como o triste monge,
Cercado de vida agreste.

Aqui n'esta soledade,
Para adoçar meu exilio,
Procuro, lendo Virgilio,
Matar um pouco a saudade

Que tenho de ti, ó flôr!
Mas qual! nem a natureza,
Com toda sua belleza,
Aniquilam este amor.



O MAR

Quando te agitas n'um furor insano,
Cheio de raiva e cheio de agonia,
Eu sinto dentro em mim funda alegria
E te comparo ao coração humano !

Ao vêr-te, porém, frio, deshumano,
Inerte e surdo áquella symphonia
Esplendida de luz e de poesia.
Eu maldigo de ti, grande oceano !

Nas fortes contorsões em que debates,
Com coragem indomita, brilhante,
D'esse fluxo e refluxo nos combates,

Ao meu amor eu voute comparando !
Mas vendo-te calado, a minha amante
Ficas, então, oh ! mar, te semelhando.



METAMORPHOSE

Contam que a bella Azhir, filha do Scha da Persia,
N'uma hypnose de amor quedára-se sonhando.
— Foi ao fundo do mar, ás perolas, chorando,
Sua vida narrar co'uma subtil solércia.

Um banco de coral o ventre seu roçando,
Fel-a soffrer e a pôz n'uma profunda inércia!
Sonhou depois que estava a passear na Grecia,
Entre nymphas gentis, versos cantarolando. —

9*

N'esse interim sentiu sobre ella, alegremente,
Uma chuva cahir de rubins do Oriente
N'uma polvilhação de estrellas luminosas!

E vendo, ao despertar, que era mulher já feita,
Sorriu radiantemente, e alegre e satisfeita
Teve em seu fulvo olhar volupias capitosas.



N'UM ALBUM

Uma interrogação, de reticencias cheia,
Eis o que vem a ser a vida que passamos,
Longe do mundo que nós ambos deploramos,
E junto d'esse amor que nos seduz e enleia!...



PRECONCEITO

O meu maior desejo era morar contigo,
Gosar o teu amor por toda a eternidade!
Pois só d'esta maneira eu matava a saudade,
Que do peito expulsar procuro e não consigo.

Sim, porque o coração semelha-se a um clepsydra.
Que inconsciente se move ao deslizar das aguas!
São suas pulsações o poema das inaguas
Que acompanham a nossa existencia de vidro.

N'essa lueta brutal, em que andam empenhados
Cerebro e coração, vence constantemente
Este; e se alguma vez, n'algum combate ardente,
O cerebro vencer, — entes desesperados

Apparecem então, como que por encanto!
É ainda uma vez a derrota da vida,
Porque a loucura é uma outra morte, querida,
Uma morte feliz que desconhece o pranto!

A loucura parece a gloria de um perverso,
Um afago de amor que a muitos acalenta :
Mais poesia contém que essa eterna placenta
De Deus, que deu seu sangue á arteria do universo.

No entretanto, não sou um louco como queres,
Todo o meu sofrimento é no intimo do peito ;
E a prova está que, ao vêr-te, eu fico satisfeito.
E soffro porque sei o que são as mulheres!

Lamentas com certeza o teu viver de freira,
Essa condemnação a que te expôz alguém!
Se tens este martyrio é que não pensas bem,
É que te julgas ser eterna prisioneira.

Possues a santa crença em conservar sagrado
O teu tóro nupcial, teu gynecu, senhora,
Co'a falsa fixidez de uma ilha encantadora,
Que de um trago sómente a engole o mar irado!

Eu sei que um grande amor te consumiu um dia
Por um poeta louro e cheio de talento;
E que apoz esse amor fizeste um juramento
De tudo abandonar, até mesmo a alegria!

Que ruim philosophia é a tua, minha amada,
De um pessimismo atroz nascido na Allemanha!
Nos tempos actuaes de progressão tamanha,
A sociedade exalta a honra desprezada!

Quero-te possuir; por isso peço afflicto,
Pela morna maciez dos teus cabellos lassos,
Que me falles de amor, mas presa nos meus braços,
Amor que suba aos céos n'um extase infinito!



AS TUAS MÃOS

Quando precipite andas, eu espreito
O teu pezinho se me afigura
Um *biscuit* de celebre esculptura,
Ou um passaro inquieto e satisfeito!

Nem teu pé, nem teus olhos, nem teu peito
Das tuas mãos contém a formosura :
Pet'las de flôr de esplendida brancura,
Escrinio divinal, de lyrios feito!

Nunca ouvi tua voz, — não sei portanto
Se na garganta encerras um thesouro,
Imitando dos passaros o canto!

Só sei que ao vêr-te, eu perco inteiramente .
— A minh'alma no teu cabello louro,
E em tuas mãos meu coração doente!



O CANARIO

Era um diabinho louro, um trêfego canario
O que eu comprára a um sapateiro.
Tinha-lhe um grande amor o bom do proletario,
Um amor puro e verdadeiro!

Como chegou depois á minha inteira posse
Esse animal idolatrado?
Não sei; juro, porém, houve o que quer que fôsse
Que o obrigou a tal, coitado!

Pois só quem apreciasse o amor que elle lhe tinha,
É que podia aquilatar
A sua immensa dôr, ao vêr essa avesinha
Ir, em estranhas mãos parar.

É uma historia triste a vida do canario,
Lúgubre historia na verdade !
Ella é como uma flôr envolta n'um sudario
De alguém que nos deixa saudade !...

Era para o seu dono expansiva alegria,
Quando voava na gaiola !
« Parece que está doudo, » elle ancho me dizia;
« Que aroma bom d'elle se evola » !

Quando a ave adoezia, o cuidado dobrava
E o afago era tanto, tanto,
Que a ave por compaixão fingia que pulava,
Para acalmar-lhe mais o pranto.

Os passarinhos têm qualquer cousa de humano,
Quando outros vêm por si soffrer !
Elles soffrem comnosco o nosso desengano,
E gósam do nosso prazer.

Um chalet japonez com arames dourados,
Com um poleiro azul ceruleo
Era o palco dos seus encantados trinados,
Era tambem o seu tugurio ,

O ceu nem a floresta a elle incommodavam ;
Nascera dentro de um viveiro !
Os seus sonhos ahi é que se realizavam,
O universo era o seu poleiro !

Quizeram-no comprar : offerta grandiosa
Foi rejeitada a um argentario.
— « Por dinheiro nenhum dava a ave venturosa » .
Dizia o seu proprietario.

Como chegou depois á minha inteira posse
Esse animal idolatrado?
Não sei ; juro, porém, houve o que quer que fôsse
Que o obrigou a tal, coitado !



ALMA DE ARTISTA

Era de uma eucharistica pureza
Aquella alma de artista generoso.
O escopro á mão, encara o volumoso
Páros, tal como o fez a natureza.

— « Esta brancura assim não tem belleza!
Eu quero transformal-a no formoso
Apollo, ou n'um poeta glorioso. » —
Disse, e comêço deu á ardua empreza.

A pouco e pouco o marmore retoma
Uma feição humana, e se avoluma
Um seio aqui, e além um ventre assoma.

E mais : — olhos, nariz e uma bonita
Cabeça! — E tudo alli se vê em summa!
Sómente um coração não lhe palpita.



A LUIZA FONS

(Em uma polyanthéa.)

Pedem-me todos que eu te faça uma poesia
Com versos varonis propios para exaltar-te.
Mas eu que adoro o canto, a musica e a harmonia,
Eu que sou um fetiche, um pária que erradia
Entre o Bello e o Amor, creio que era magoar-te,
Dizer-te algo banal a ti, mulher divina.
Salve! pois, Luiza Fons cuja voz nos domina,
Ó véra encarnação do que chamamos a Arte!



NEGO SUPPOSITUM

Dizes que és livre, e no entanto
Affirmo não ser verdade,
Pois que nem riso nem pranto
Conhecem a liberdade.

A liberdade, querida,
É ideal, não existe.
Qualquer cousa é submettida
A uma lei que lhe assiste.

Por ella soffreu horrores
Nosso divino Jesus!
E vê tu que as proprias flôres
Nascem do lado da luz.

Systole e diastole têm
O meu e o teu coração,
E até nos astros, meu bem,
Ha uma lei de atração!

Schopenhauer, Spinoza,
Voltaire, Tasso, Descartes,
Toda a phalange gloriosa
Do pensamento e das artes.

Morreram, n'ella sonhando
E sem a vêr florescer.
E o grande Gœthe expirando
Desejou essa luz vêr.

Não se liberta o suicida,
Pondo termo em sua sorte,
Pois que o problema da vida
É o problema da morte!

A noite tem o sereno
Que é o verdugo da flôr.
E o proprio espaço é pequeno
Para conter nosso amor!

Nada é, pois, livre no mundo,
Nem o trinar da calhandra,
A vida é Priamo facundo
A galhofar de Cassandra.



A DANTE ALLIGHIERI

Vendo o austero perfil do teu semblante,
Eu sinto dentro em mim a dôr immensa
Que tu sentiste, oh! grande mestre, oh! Dante!
Contemplando as desgraças de Florença.

Vêm-me então á memoria a lancinante
Historia de Ugolino, e essa doença
De amor, que fez Francesca, delirante,
Amar seu Paolo com paixão intensa.

E Virgilio e Beatriz, e Deus, e os anjos,
E Lúcifer, Charonte, almas, archanjos,
O prazer e o delirio mais horrendo...

Emfim, quanto eu admiro em teu poema,
É para mim un genial problema,
Que eu idolátro, mas que não comprehendo.



A UMA FREIRA

Eu sei que um amor ardente
Trans'ormou a rosa em goivo.
Vi-a feliz e contente,
E vejo-a agora sómente
Triste a lembrar-se do noivo.

Em vão de occultar-me trata
Seus olhos e seus cabellos.
O lenço, em que se recata,
Tem o reflexo da prata
Ao sol de seus olhos bellos.

Sobre o seu seio moreno
Repousa a cruz de um rosario.
Quem déra ser nazareno
Para ir morrer sereno,
Em tão formoso calvario.

Em que pese á religião,
Ha um desejo, escondido
Dentro de meu coração :
É que é uma tentação
Qualquer nó do seu vestido !

É bella como nenhuma
A sua voz de canario.
Não lhe creio fé alguma,
Quando passa uma por uma,
As contas do seu rosario.



DESPREZO

Foges de espectros, filha, e no entretanto
Tu não foges de mim que te aborreço !
Olha, quando eu te vi desde o começo,
Nunca julguei que te amaria tanto.

Quando agora tu ris ou cahes em pranto.
Já não me alegras mais, nem mais padeço.
E este meu coração jámais te off'reço,
E desejo que faças outro tanto.

Se alguma vez ser util me quizeres,
Risca o meu nome dos teus sonhos, filha,
Que o teu eu riscarei de entre as mulheres.

O teu amor é perfido e seródio,
Segue do crime a tormentosa trilha...
E a mim, que já não te amo, inspiras odio !



TUA PULSEIRA

*(A uma moça que me collocou
uma pulseira no braço.)*

Tenho beijado esta pulseira olente,
Cheia de amor e cheia de magia !
Aperto-a ao coração constantemente,
Como um signal da tua sympathia !

Os elos, que se prendem nos meus braços,
Creio que têm um pouco de tua alma ;
Alma subtil, voando nos espaços,
Alma de amor, que o meu delirio acalma !

Constantemente, eu a tacteio a medo
E com caricia levo-a ao meu ouvido,
Afim de vêr se encerra algum segredo
Que o teu amor acaso haja escondido !

E no entanto é tão fria, tão pacata,
Como o metal argenteo de que é feita l
Não ha nada tão frio como a prata,
Ou como este áro que o meu braço enfeita.

Apezar d'isso, sei-a amar, querida.
E quero-a tanto como a ti desejo;
Pois vejo n'ella a minha e a tua vida,
O nosso amor entrelaçando um beijo!



MAL DE AMOR

(Campoamor.)

Abandonou-me enfim a ultima esperança
De se acabar de vez esta amargura minha!...
Pois eu, perdendo em ti a minha confiança,
Não olvidei jámais o amor que inda te tinha!



A ARTE

A arte, querida, é uma mulher formosa
Exposta nua em sua plenitude,
Deixando vêr a linha primorosa
De um bello corpo, cheio de saude.

A arte parece ter como a virtude
Da plangente canção mysteriosa,
Que no psalterio dedilhou saudosa
David : ethérea nota de alaúde !

Para uns, ella é inda uma promessa
Da ideal perfeição divina, e d'essa
Requintada paixão de um craneo insano,

Que quer a fórmula, a côr, a linha, a vida !...
No entanto a arte é para mim, querida,
Um grande sonho do ideal humano.



A MEU FILHO MARIO

O encanto de minha casa
E's tu, meu filhinho Mario,
Pomba sem fél de curta aza,
Coração extraordinario.

Quando tu, pela manhã,
Num dôce arrulho amoroso,
Pédes á tua mamã
Abraço e um beijo gostoso.

E'qual se um anjo divino
Deus nos mandasse dos ceus !
Tal teu fallar argentino,
Que é mesmo fallar de Deus.

Todo o meu ser eu revejo
Da tua face no brilho,
A'mim eu julgo que beijo,
Quando te oscúlo, meu filho.

Ao bom Deus, constantemente
Constricto e com fé, eu peço
P'ra que vivas sem tropeço
E sejas bom e indulgente.

Desejo que a tua sorte
Não vá do que almejo alem.
Quero que sejas um forte
E um homem sejas de bem.



VAPOROSA

Quando eu contemplo o seu olhar, suave
Como um brilhante dentro de um arminho,
Fico perdido na encantada nave
D'aquelles seios, como um passarinho!

Ai! talvez que o pulsar incerto e grave
Do coração, a estremecer sózinho,
Seja o bater das azas de alguma ave
Que se ensaia a voar dentro do ninho!

Quando eu a vejo andar por entre as flôres
Do seu jardim, em mysticos desejos
Tavez, quem sabe? de um milhão de amores,

Sinto abraçar-me n'um desejo ardente :
De ir com um manto rútilo de beijos,
Cobrir todo o seu corpo alvinitente.



A UNS OLHOS

(De Campoamor.)

Mais ternos deveis ser
Se me vierdes olhar,
É maldade, quero crer,
Que umas fontes de prazer
Me causem tanto pezar.

Não compr'hendo (como eu peno!)
Que a minha sorte cruel
Faça que um olhar sereno
Para mim seja veneno,
Quando pr'a todos é mel.

Maldade estaes revelando,
Em não querer que eu vos queira.
O meu amor desprezando,
Mataes-me, e eu, não vos amando,
Morro da mesma maneira !

Se amar-vos é uma offensa,
Vingança podeis tomar,
Sabei, pois, que é minha crença
Amar-vos com fé intensa.
Inda que me ouseis matar.

Se por meu amor, medida
Fôr a vindicta, que horror!
Vejo a minha alma perdida :
— É quasi nada uma vida
Para vingar tanto amor.

É que este amor, egualdade
A nenhum outro concede ;
Tal é sua intensidade,
Que eu julgo mesmo que excede
A vossa perversidade.

Por Deus, são frios temores
Darem-me os vossos desdens
A cento e cento os horrores,
Podendo-me dar amores,
Sem os pezares, mil bens !

Triplica-se-me o tormento,
luda mais, causa-me dó
Vêr vosso contentamento,
Sendo tão bom para um cento,
Tornar-se mão para um só !

Além d'isso é uma injustiça
Que tenhaes olhos serenos,
A quem amor não cubiça,
E nem se bate na liça
por vossos olhos, ao menos.

Mas, apesar de mortal,
Vosso languido desdem
É tão terno e celestial,
Que reveste sempre o mal
Com as caricias do bem.

Oh! se a vossa luz, querida,
Da sorte allivio me fôsse.
Ella que é minha homicida,
Quem não trocaria a vida
Por essa morte tão doce?

Eu, que estou de angustias pleno,
Nada julgo mais cruel
Que ser para mim veneno
Esse olhar vivo e sereno,
Que para todos é mel.



SAUDADES

Estás longe de mim, e no entretanto
Meu coração te segue pressuroso!
Ah! que mil vezes seja venturoso
Quem nunca teve assim amor tão santo!

Como é feliz quem desconhece o pranto!
Como eu invejo um coração ditoso,
Um coração que só conhece o goso
E ouve do bello amor o eterno canto!

Como é feliz quem nunca amou, querida,
Quem jámais conheceu a dôr grandiosa,
Da mais amargurada despedida!

Como é feliz quem tem um peito brando,
Bem diverso do meu, cuja amorosa
E unica idéa é a de morrer te amando!



DECLARAÇÃO

(.1 uma escriptora.)

Minha senhora, o meu amor ardente,
O grande amor que o peito me devora.
É como essa paixão louca de um crente
Pelo bom Deus, que a vida lhe avigora !

A nevróse de amor que viva sente
Meu pobre coração, é como a aurora
Luminosa, que ao passaro contente
Como um iman attrahe, minha senhora !

Lendo os vossos escriptos scintilantes,
Onde a par de um estylo burilado
Transparecem as phrases de diamantes.

Foi que senti pulsar meu peito, amada :
Foi que sonhei, sem ter jámais pensado,
N'esta grande paixão, tão maltractada !



Senhora, esta alegria, que enternece
Meu coração, veio da trança preta,
Trança gentil que a fronte te enlanguece
Com tanta arte e primor, que até parece
Um casulo de enorme borboleta !

A diamantina luz, que se desprende
Dos olhos teus em fúlgido brilhante,
As minhas máguas com certeza entende,
E certamente ao meu olhar se rende,
Trazendo para nós o amor constante !





CARTÕES POSTAES

I

Móra no seu olhar o fluido mysterioso.
Que a deusa do Prazer ha muito, em vão, procura :
Fital-a é, não ha duvida, extraordinario goso,
Mas possui-a seria a suprema ventura.

II

Acho este postal pequeno ;
Pois nem espaço lhe vejo
Para dizer-vos sem pejo
(Oh! moça do olhar sereno),
O que contem de veneno
A eterna historia do beijo

Que este chromo representa...
A verdade não se inventa,
Não é, pois, conto inventado : —
— Um beijo dado *na hora* ¹.
E' perigoso, senhora,
Por tanto, muito cuidado.

III

Pela *Fe* o soffrer olvidamos,
Nossos sonhos embala a *Esperança*,
E a suprema ventura se alcança
Quando em gosos o mundo ideamos.

E p'ra os homens de bôa vontade,
Para os que a virtude praticam,
Suas almas, oh ! sim, dignificam
Quando fazem qualquer *Caridade*.

1. Locução popular, equivalente a *com correção*.

IV

Chamais-me em vossa missiva
Poeta, e versos meus pedis.
Vossa ordem imperativa,
Crêde, tornou-me feliz.

Para attender vosso mando
Percorreria o universo,
Bellas rimas procurando
Para enfeitar o meu verso.

Porém, máo grado a vontade
De vos servir a contento,
Não sahe um verso, quem ha-de
Curar-me deste tormento?

Perdão, senhora, eu supplico
Com os joelhos no chão,
De não ter um verso rico
Para enviar-vos, perdão.

V

Neste cartão postal, talvez, minha senhora,
Com flôres de setim e fundo assaz dourado.
Sinto que se desprende o sonho enamorado
Dos vossos ideaes, ridentes como a aurora.

VI

Em todos os postaes que se me enviam
Arguta observação pude fazer :
— E' que aquelles que mais sobresahiam
Tinham sempre uma effigie de mulher !



DÒR OCCULTA

Anselmo o cantor languido da vida,
Ria da morte e da tristeza ria,
Como se uma nevrose de alegria
Se lhe internasse n'alma dolorida.

Dizem que a perda da mulher querida
Fel-o o doudo jovial que a gente via
Pelas ruas. Gravoche da agonia,
Tinha o seu riso lámina homicida!

Tanta alegria assim de onde proveio,
— Perguntei-lhe — que a rir levas o mundo,
Como se de prazer fôsse elle cheio ?

— « Culpa e o coração de minha amada,
Que teria na cova um pezar fundo,
Se lhe constasse eu ter a alma sangrada! »



DAY-BREAK

Levanta-te, creança! — A madrugada
Assoma ao longe, gárrula e ridente!
Vem pelo eterno espaço vêr contente
Un exame de nivea passarada.

Vem erguer os teus olhos á azulada
E bella cupula que envolve o ambiente!
Vem, pois, vêr este sol resplandescente
Que se esbate dos montes na esplanada!

A um circulo de fogo no horizonte,
Illuminando o pincaro do monte,
E á corolla de rosa encantadora,

Do sol o despertar tem semelhança!
Ergue-te, pois, vem admirar, creança,
A claridade rúlila da aurora.



SERENATA

Alegre como o zéphiro no prado,
Doce como o cantar do rouxinol,
Leve como o celagem nacarado
Que a luz modera do nascente sol ;

Ouvindo a tua voz gentil, suave,
Meu coração começa a palpitar ;
Como ao nascer do sol se agita a ave,
Como o bater das ondas ao luar !

Quando caminhas, põe-lo entontecido
Co' a volupia enervante dos teus seios.
Quando ris, elle, naufrago perdido,
De salvar-se em teus olhos tem receios!

Que magico poder em teu accento;
Que mysterioso encanto de mulher!...
Faze que, ao teu mais leve movimento,
A alma caia em deliquios de prazer!



TEU BEIJO

O longo beijo que me déste, amada,
Como a expressão de todos os amores,
Tem o sorriso fresco da alvorada
E a calidez das aves multicores.

Ah! o teu beijo, o beijo teu de fada,
O perfume contém de muitas flôres,
Ainda tenho na bocca a perfumada
Quentura dos teus labios seductores!

O beijo teu, querida, é venenoso,
De um veneno cruel que leva a morte
Ao mais sublime e delirante goso!

Teu labio é como o cyatho dourado,
Cheio d'um vinho capitoso e forte,
Que de um gole me deixa embriagado!



NA PARTIDA

Vaes para além do Atlantico, partindo
Qual illusão etherea e radiante,
Ou como um som melodico distante,
Que pouco a pouco se nos vae sumindo !

Ao velho mundo vaes, talvez sorrindo
N'uma nevróse toda delirante!
Ou, como o artista de um ideal brilhante,
Irás mui novas sensações sentindo.

Vaes e consentes que o meu peito esconda
O enlouquecido amor que por ti sente,
Como a onda que o vento enrola á onda.

Ou como uma rica amphora de Helena,
Vermiculada de ouro reluzente.
Molha, á luz matinal, a curva plena!



SOFFRIMENTO

Quanto mais passa o tempo, o soffrimento
Da saudade por ti vae-se augmentando !
Eis, amada, o porquê fico chorando.
Se o nome teu me acode ao pensamento!

Candida és n'alma e o és no sentimento,
No nome teu, que a soletrar eu ando,
Cheio de amor, nos passaros voando,
Cheio de amor, na luz e até no vento !

Oh! que martyrio atroz é o da saudade
Que me maltrata tanto assim, querida,
E que assim tanto o coração me invade !...

Oh! que martyrio atroz o vêr a gente
Ir-se ausentando o sol da nossa vida,
Como um sonho que passa de repente!



A MINHA MÃE

Aqui, do exílio, eu vejo-te pensando
No futuro dos filhos teus amados!
Olhos em pranto, vejo-te implorando
O perdão aos meus mínimos peccados!

És a melhor das mães, és a mais santa
E ideal creatura que eu conheço.
Ouço-te a voz no passaro que canta,
Augmentando a saudade que padeço.

Teus bellos olhos candidos e ternos
Têm essa luz divina e fascinante
Que me guia na senda árdua da vida !

Feliz de quem, como eu, braços maternos
Estreitou contra o peito delirante
N'um amplexo de angustia dolorida !



MONOLOGO DE UM SCEPTICO

A duvida de Hamlet, a duvida medonha.
Que aniquila a razão, que alimenta a loucura,
Faz de mim um somnamb'lo e da minh'alma escura.
Uma douda que ri e que acordada sonha.

Para muitos, no mundo ha uma face risonha,
Em que o goso se expande em alácre ventura.
Quão crédulos que sois, oh! filhos da natura,
Discip'los de Epicuro, oh craneos de cegonha!

Se o problema da Vida é o mesmo da Morte,
Se o homem não é mais que uma aberta ferida,
Quer se ponha de um lado e quer de outro se ponha.

A duvida horrorosa então surge-me forte.
E á sua ignea tenaz se prostra succumbida
A minha alma que ri e que acordada sonha!



A UMA MYSTICA

Sua immensa tristeza me suggère
A effigie ideal da *Mater Dolorosa*,
Que num pequeno nicho còr de roza,
Vi em creança. e a mente inda confère !

Que a sua pallidez jamais se altère,
Que se não mude a sua vaporosa
E mystica expressão religioza,
Que o crente acata como a um *Miserére* !

Tem levado a existencia de uma santa.
E humildemente para o Céu levanta
Os seus húmidos olhos doloridos !

Quando a vejo rezar chorosa, é como
Se ouvisse o dóbre de um *Memento homo*.
Nos funeraes dos sonhos seus perdidos !



BALLADA

Quando os teus olhos brilhantes
Quédam em doces scismares,
Nessas brumas fluctuantes
Das transparencias lunares ;

Reflectir eu vejo, Alceste
No azul dos teus olhos lindos.
A nostalgia celeste
Ante a luz de astros infindos !

Mas, contemplando, senhora,
O louro dos teus cabellos,
Vejo pedaços de aurora
Sorrindo de entre os novellos !

..*

Quem tem olhos de turqueza
E tem cabellos dourados,
Ha de attrahir, com certeza,
Legiões de apaixonados.



A UMA CATALÉA

Tu vieste, talvez, da floresta sombria,
Onde as aves gazis, e as féras, e as serpentes,
Longe do humano olhar, certo vivem contentes,
Quer seja quente o sol, ou frio esteja o dia!

Acima dos cipós e lianas, irradia
Teu alegre sorrizo, em pétalas nitentes!
Arvores collosaes são os teus recipientes,
Em que abres para os céus a corolla alvadia!

13*

E's a flôr celestial de immácula candura,
Pois tu nasceste alli, na floresta, a uma altura,
De perigoso accesso á cobiça invejosa !

Feita para adornar o peito de uma déa,
Sinto-te agonizar, oh! nobre cataléa,
Entre os seios febris de uma tuberculosa!



A MARIA

Não ha no mundo quem te ame,
Como eu já te amei, Maria!
Teu orgulho, embora, clame,
Foste minha mais de um dia!

Quando, tristonha, do exame !
Sahiste, de geographia,
Quase que eu mato o infame
Que tanto mal te fazia!

De mim tiveste vexame,
Pois vi-te pállida e fria!..
Eras-me, então, o liame
Que os nossos peitos unia!

Infeliz foste no exame!
Que importa! se a melodia
Do teu olhar, lembra o enxame
De áves em franca alegria!

Tão passageiro gravame,
Que te feriu nesse dia,
Só turbará quem não ame,
Como eu já te amei, Maria!



A CAMÕES

Poeta e guerreiro, sonhador e amante,
Manejavas com arte o verso e a espada!
A tua lyra tem o som cantante
Da musica dos pássaros na estrada!

Muita vez o teu gládio lucilante,
O mouro incrível venceu de uma assentada!
Porém a tua gloria, assaz brilhante,
No Poêma está da tua patria amada!

O Dante e tu sois os maiores poetas,
De todas essas legiões de atletas,
Que cantaram com arte soberana !

Se de Alighiéri o Poêma esplendoroso,
E mais idealista e vaporoso,
Tua Epopéa é muito mais humana !



A ESPHINGE

De mim todo o mundo, de inveja mordido,
 Por ver-te a meu lado,
Dirá com despeito, num mal entendido,
Que eu sou, com certeza, o teu entecadorado,

Que engano tremendo de toda essa gente !
 Querida que engano !
Quem dera eu pudesse lêr-te unicamente,
Nos olhos e labios, o amor soberano !

Então lhe diria que esphinge nenhuma

O teu peito encerra!

E que eras um anjo, e que eras em summa,

A mais adorada da face da terra!



NERVOS E MUSCULOS

Quando atacada está da lúgubre hysteria,
Tem tétricas vizões, fica pallida e fria,
E ora ri, ora chora, essa moça franzina!
E conta-nos, então, sonhos extraordinarios,
E gósos infernaes, todos imaginarios,
Concebidos, talvez, na febre que a allucina !

Certa noite, num circo, os seus olhos formosos
Viram um luctador de biceps volumosos,
Com pescoço de touro e espáduas de respeito !
E então, ella com ardor, numa crize nervoza,
Atirou-se ao athleta, agarrou-o ancioza,
E sofrega, beijou-lhe o collo, o torso e o peito !



A CIDADE ETERNA

A capital de um reino, exiguo e pobre,
E hoje, Athenas, mãe fecunda da Arte!
De Carthago, o beduino, o solo cobre
Com seu sórdido aduar, por toda a parte!

O Egypto altivo, agora é, tão somente,
Feitoria do inglez, que assaz o explora!
E de Bizancio o imperio! um repellente
Harêm, em que o sultão, seu goso enflora!

Já não vale mais nada a marcial Persia!
E Genova, Milão, Piza e Veneza?
Republicas viris, vivem na inercia
De italicas provincias, sem grandeza!

Roma! só tu rezistes impassivel,
Do tempo destruidor, ás intempérics!
Teus monumentos têm a irresistivel
Veneração da Historia, em suas séries!

Da civilização greco-latina,
E's a obra immortal, grande cidade!
Tu creaste o Direito, a sciencia dina,
Que pautou genialmente a sociedade!

Se aos teus guerreiros, hoje faltam palmas,
Não haverá quem de te vêr resista!
Tens para o crente, o Hippócrates das almas,
E és a Méca ideal de todo o Artista!



UMA RELIQUIA

(*L. Stechetti.*)

Do meu escriptorio antigo, eu tirei tristemente,
As madeixas ideaes que me deste corando!
E, não creias talvez, com saudade vehemente,
Antes de t'as enviar, beijei-as soluçando!

E' que ainda julgo ouvir da tua voz olente,
O accento muzical commigo conversando!
Não mais te lembrarás, ó mulher inconsciente!
Desses dias gentis, que passámos amando!

Lembras-te ? um dia a Deus, o teu olhar erguendo,
Tu me juraste amor, bastante emocionada!...
E era o teu juramento um embuste tremendo !

Certo já te olvidaste !... E eu, nunca mais, querida !...
Devolvo-te a madeixa, um tanto maltratada,
Muitas vezes beijada e em pranto humidecida !



NOVE DE JANEIRO

Querida, alegre te escrevo,
Mas ralado de saudade!
Pois a ti somente devo
A minha felicidade !

Uma hora de ti auzente,
E'-me, de todo, impossivel!
Sem o teu amor ardente,
Meu viver torna-se horrivel!

Trabalhar mais, nao consigo,
Pois só levo em ti pensando !
Anjo do lar, terno abrigo
Do meu soffrer miserando !

Hoje, nove de Janeiro,
Faz annos o nosso enlace !...
Com que ardor, eu prazenteiro,
Então, beijei tua face !

Sahimos ambos risonhos,
Da igreja de Santo Antonio !
E que sempre aos nossos sonhos,
Soprou bondoso favonio !

Tu nem siquer leve idéa,
Da minha saudade, fazes !...
Não fosses tu minha déa
Dos meus suspiros tenazes !

Por coincidência, querida,
Nasceu no mês de Janeiro,
Nosso Mario, a nossa vida,
Nosso pássaro palreiro !

Tenho o juízo não sei onde,
Pois estou bem perturbado!...
Eu já vou tomar o bonde,
Para ficar ao teu lado !

Talvez nossa casa alcance,
Antes da carta travessa!
No bonde eu chego de um lance,
E o carteiro... não tem pressa!



AVARENTO

Desconfiado e só ! De insomnias soffre !
Em seu proveito verbas mil inventa !
Pois, dia a dia, o seu prazer augmenta,
Vendo encher-se de moedas o seu cofre !

Do provento das missas, padre Onofre,
Algo guarda, se veste, e se alimenta !
Mas, comtudo, uma idéa o atormenta :
E' a de, gastando-o, empobrecer de chofre !

Por toda a parte o clérigo onzeneiro,
Tem visões espectraes com o seu dinheiro,
Na capella, no campo e na cidade!

Contam que numa noite, allucinado,
Fôra, em seu quarto sórdido, encontrado,
O ouro afagando com lubricidade!...



SAUDAÇÃO A BANDEIRA

*(Cantada pelas alumnas da Exm^a Sn^a
D. Carolina de Aguiar, nas férias
escolares de 1910.)*

Nobre bandeira de minha terra,
De um auri-verde matiz, folgaz !
Se heróes tu fazes na incruénta guerra,
És mais gloriosa pregando a paz !

O Cruzeiro do Sul, constellado,
Tu refléctes com arte e primor !
Santa Cruz é o torrão nosso amado,
Que desfraldas aos ventos com ardor !

Sob o teu pállio, com amor abrigas,
Todos os filhos do teu Brazil !
E as tuas côres, as raparigas
Nas cóifas trazem em laços mil !

O Cruzeiro do Sul, constellado, etc.

O enthusiasmo que no estrangeiro,
Tu nos despertas, com emoção ;
Mostra bem alto, que o brasileiro
Dá corpo é alma pela nação !

O Cruzeiro do Sul, constellado, etc.

Da minha Patria, sublime imagem,
És a alegria do filho exul.
Tua presença nos dá coragem,
E uma esperança do céu azul !

O Cruzeiro do Sul, constellado, etc.

Que me amortálhes, é o meu pedido,
Se, em terra estranha, eu, infeliz,
Morrer saudoso, mas convencido
Que morro envolto no meu paiz !

O Cruzeiro do Sul, constellado, etc.



A BORBOLETA

Este insecto variegado,
Na sua aza transparente,
Foi feito do sonho alado
De algum poeta dolente !

O alegre rubí, corado ;
A esmeralda reluzente ;
A saphira, e o apreciado
Collar de ambar do Oriente ;

Enfim, todos os matizes,
Em combinações felizes,
Carréga esta flôr aérea !

E é tão finissima a gaze
Dessas azinhas, que eu quaze,
As creio de essencia ethérea!



AS TREZ GRAÇAS DA ALDEIA

Tinha os olhos azues e a cabeça alourada,
E na pelle, còr rozea, a romantica Almeia!
Maria, de olhar forte e tez amorenada,
E a graciosa Rachel, de face macerada,
Eram, p'ra toda a gente, as trez graças da aldeia!

Aportou nessa terra um principe formoso,
A cata de encontrar um coração sem peia!
E soube da existencia, alli, do lar ditoso,
De onde qual astro rei, refulgia glorioso,
O fóco angelical das trez graças da aldeia!

Para lá dirigiu-se, animado e contente,
Fazendo tilintar do ginete a correia !
Mas uma decepção, teve elle incontinentemente :
Pois logo descobriu a vaidade impudente,
Nos rostos senhoris das trez graças da aldeia !



TRANSFORMAÇÃO

Acho-te agora mais linda
Do que ha tres annos passados!
Pois os teus olhos magoados,
Muito soffriam, querida!
Louca estavas, bem me lembro!
E a morte, a todo o momento,
Para o teu fundo tormento,
Era por ti requerida!...

Mas hoje em teu corpo, o viço
Da ridente mocidade,
Esplende com a alacridade
De um sonho azul, ou chimera!...

Ha outra luz nos teus olhos ;
Teus quadris se arredondaram,
E as tuas faces coraram,
Quaes rozas na Primavera!

Foi-se, de ha muito, estou certo,
Essa tristeza malvada,
Na qual eu vi-te engolfada,
Por causa de alguém, embora !...
Se então tu eras formosa,
Mesmo doente e tristonha ;
Agora que andas risonha,
Mais linda te acho, senhora !





NUA!

Estátua lirial de formas impecaveis ;
A cabelleira esparsa, enfeitando-lhe o collo,
O corpo todo nú, de ancas apreciaveis,
E os minusculos pés, mal pizando no solo ;

Era de vel-a, assim, com tregeitos amaveis,
A pelle acariciar de um bello urso do polo !
Em fúlgida nudez, seus peitos adoraveis,
Evocavam canções erólicas de Apollo !

O córrego beirava o tapete arminhoso,
Em que Stella, sensual se deitava indolente,
Qual dryade moderna algum fauno sonhando!

E o riacho, ciumento, esperava ansioso,
O momento feliz de possuil-a, somente
Para poder beijal-a, entre os seixos, cantando!





NO BANHO

No banho estavas distrahida,
Com tal licença,
Que nem, siquer, foi presentida,
Minha presença !

Felicitei-me (eu te sou franco),
De, os traços raros,
Vêr, do teu corpo, esbelto e branco,
Digno de Paros !

Quando no rio, entraste lépida,
A gua sorria !
Julguei que ella estivesse tépida,
Ou pouco fria !

Mas, vendo-te galgar a margem,
Tremula e anciosa,
E dentro duma ampla roupagem,
Entrares, ciosa ;

Conjeéturei, minha belleza,
Que enferma estavas !
É que o olhar meu teve a certeza
Que tiritavas !

Com rapidez, em teu soccorro
Postei-me, quando
Com agitação dizias : — Morro !
Vociferando !

Mas,... de repente te curaste
Da tal doença !...
É que jamais imaginaste
Minha presença !



A LICÇÃO DE ANATOMIA

(Inspirado em Blasco.)

Explicando anatomia,
Um provector professor,
Sobre o coração fazia
Prelecção de alto valor!

Mas, entrementes, gemia,
Occultando intensa dôr!...
Pois, sua filha Maria,
Deixara-o por... outro amor!

« Sem este orgam da vida,
Vive uma filha querida ! »
Exclama !... « Sem coração ! »

Diz a um outro, um rapaz louro
Possuidor do tal thesouro :
« O mestre não tem razão ! »



A MORTE DE PAN

CONTO EM PROSA DE TH. KIRSCHNER)

« O seculo iv da era christã
foi o longo crepusculo dos
deuses antigos e a grande
aurora do christianismo. Os
bosques, os mares, as grutas
e os rios perderam as suas
divindades... »

(E. N. *Apud* João Ribeiro,
Crepusculo dos Deuses.)

« Foi ja nesse áureo tempo em que o Christianismo,
Vencera os deuses máos do antigo Paganismo!
Lúgubre estava o céu, e o mar, assaz sombrio,
As vágas sobre a praia atirando em delirio,
Parecia entoar, num tristonho preságo,
A cantiga da morte e a victoria do estrago!
Por cima de um rochedo, á margem, Pan sentou-se,
E estendeu sobre o mar a sua vista doce!...

O vento tormentoso, abria em queixas quérulas
Do deus caprino, as cans; e o mar, então, mil
[pérolas]

Rebentava-lhe aos pés, qual preito de saudade,
A'quelle deus terror da antiga divindade!

Pan, comtudo, não via algo, absolutamente!
Sobre as vagas lançava o olhar tristemente!...

Súbito, deante d'elle, um Monge abastonado,
De habito negro e austéro, ao vento desdobrado,
O desthronado olhando, em extase bravio :

— Fóra! Fóra! Clamou num grande desafio,
Mostrando-lhe uma cruz!...

Figura do diabo!...

— Deixai — me, por quem és, eu morrer socegado,
Disse — lhe o deus pagão.

— Éimmortal a maldade !

— Immortal! disse Pan,-a minha divindade
Está morta, e bem morta e ninguem mais me adora!
— Adorar — te ! seria um sacrilegio!... Fóra!...

Então Pan levantou-se e altivamente disse :

« Nem eu t'o peço ó Monge; e aos homens, a tolice
Farei de a mendigar! Morrerei, de uma feita,
La no valle, entre os meus, que ignoram tua seita!
Na candura ideal do teu bom Mestre, pensa,
E deixa-me morrer, em paz, sem mais detença! »
Assim o deus fallou, e logo retirou-se!...
E o monge senhoril, trez vezes persignou-se!

O tempestuoso mar contra as pedras bramia,
 Que, matar do rochedo a volupia, dir-se-ia !..
 Lá no campo sabino, entre arvores, carcomido,
 Bem na órla da floresta, ha um Templo abatido !...
 Cobrem-lhe o tecto todas as hervas glaucas, damninhas,
 Fustes e capiteis são ninhos de andorinhas!

.
 E o solitario Templo, então, os desenganos,
 Certo ha de sentir, dos desprezos humanos !...
 Contentes, em seu torno, agora os segadores,
 Fazem feixes de trigo e enchem cestos de flôres!
 Mas ó Templo, não és totalmente esquecido,
 Pois com folhas te enfeita um velho entorpecido,
 O fogo faz, e a chamma em fitas labareda !...
 E para que o seu deus bondoso lhe conceda
 Alguma graça nova, atira-lhe gravetos,
 E fructos aromaes, e flôres nos seus tectos !
 E ajoelhado, constricto, em supplica extasiado :
 « Ó deus Pan ! Ó deus Pan ! de meus paes adorado !
 Tu que a terra abençoaste e os anhos protegia,
 Vê bem ! o ultimo sou que o teu Templo allumia,
 E velho sou de mais p'ra entrar na christandade !
 Abençoa-me, pois, suprema divindade ! »
 E elevando a cabeça, o velhinho alquebrado,
 Vê Pan juncto de si, e ouviu maravilhado :
 « Nada temas ó tu, que ainda em mim acreditas !
 Seja abençoado o campo e as terras em que habitas ;
 Abençoado o rebanho, e tudo o que desejas,
 E para terminar : — abençoado tu sejas ! »

— Ó deus Pan ! Ó deus Pan ! balbuciou o crente !...
Mas, delle por detraz, sôam rapidamente,
Fórtes vozes: — é o cão! cruces! cruces! gritavam!
O tinhozo está solto !... Então morra, exclamavam!
E o pobre velho, à Pan abraçou-se, implorando
A sua protecção contra o povo nefando!
E Pan, bondoso, as mãos, por sobre o perseguido,
Com carinho estendeu, em tristeza abalido!...
Rápido, sobre os dous, as pedras sibiláram,
E o discipulo e o Mestre, enfim, mortos tombáram!



A LACUNA

Está com gosto ornamentada a sala!
Luzes em profusão!
De mil *bouquets*, subtil arôma exhala
Pelo vasto salão!

Moças gentis, formozas e elegantes,
Apréstam-se a valsar!
Nos seus cóllos, os fúlgidos diamantes,
Rebrilham de encantar!

Alegre toda a festa se ostentava,
Num immenso prazer!
Tudo, ao mais exigente, alli pompeava!
Desde a flôr, á mulher!

E eu, debalde, busquei anciozamente,
Das flôres em redor,
O embriagante perfume, que somente
Tu possues, meu amôr!

Tua auzencia, de certo, foi notada.
Por toda a gente, alli!
Pois lá no baile, nada havia, nada,
Que fosse igual a ti!



PEZAMES A UMA MÃE

Senhora, não choreis o vosso filho morto.
Elle se foi rizonho ás altivas regiões,
Unir aos cherubins, para pedir conforto
À vossa grande dôr, em célicas canções!

Não mais tenhaes, senhora, o vosso olhar absorto,
Como quem nada crê das vossas orações!
Jezus quando rezou tristemente no Hôrto,
Pedi, ao Pae, com fé, bondade aos corações?

Sei que elle vos deixou uma saudade immensa,
E que, de soffrer tanto, adquiristes a doença
Que a mania vos deu de o mundo desprezar!

Senhora, a vosso filho offendeis, com certeza,
Porquanto elle ao bom Deus, péde termo á tristeza
Do vosso coração, cançado de chorar!



PRÉCE AO LAR

Quando sosinho os livros manuseio,
Em busca da verdade fugidía,
Sem o conchêgo quente de teu seio,
Sem da voz tua a fúlgida harmonía ;

Dentro de um cháos atordoavel, creio
Encher minha alma de melancolía,
Pois de mim se apodéra o átro receio
De perder a razão que me allumía.

Oh! minha esposa, meu amor, verdade
Unica achada em minha atroz pesquisa,
Companheira de minha mocidade !

Tu, e o fructo do nosso enlace : — o Mário,
Me sois da vida a luz e a alva balisa,
Meste caminho intérmino e precário.



A MEU PAE

(Em visita ao seu túmulo.)

Fazem hoje vinte e um annos
Que nos deixaste saudosos,
Soffrendo os duros enganos
De illusórios, futeis gózos!...

Foi-nos profunda desgraça
Tua morte, e que anciedade!
Pois cada anno que se passa
Mais cresce a nossa saudade.



A GONÇALVES DIAS

(Num postal com o retracto do poeta..)

Ó poeta dos cantos guerreiros,
Ó poeta do Y-juca-pirama,
Tua lyra, entre nós brasileiros,
Cada vez vibrará com mais fama.

Nossos mares, florestas, céus, rios,
Guardarão para sempre o teu nome.
Ó poeta dos nossos gentios,
Gloria excelsa que o tempo não some.



BRINDE AO MARANHÃO

(No *J. do Brazil*, de 28-7-910.)

Oh! terra que illuminaste
O Brazil do sul ao norte,
Com o talento assaz forte,
De teus grandes escriptores;
Deixa que eu, humildemente,
Relembrando-te os fulgores,
De teu genio nos fautores,
Te faça um brinde fremente.

Da egrégia brazília Athenas,
Illustres e dignos filhos,
Que a honraram com fortes brilhos,
Nas suas obras amenas;
Do íntimo do coração,
Com o espirito e olhos absortos,
Eu brindo na alma dos mortos
A gloria do Maranhão.



TROVAS

Se me queres dar as provas
Do teu grande amôr, e eu creio,
Cumpre o que peço nas trovas
Que te vão pelo correio.

Tuas vestes, menos brilho
Dão ao teu porte e semblante,
Pois com a pressão do espartilho
Soffre o teu corpo bastante.

Fazer-te, eu quero, um pedido,
Mas, por Jesus, não te offendas :
— Que tragas só por vestido
Tua camisa de rendas.

E que o teu garboso e espesso
Áureo pêllo avelludado,
Como um manto de alto prego,
Cubra o teu cóllo adorádo.

E que teus peitos, no linho
Rendilhado da camisa,
Brinquem, gôsando o carinho
Que o amor só prodigalisa.



EM VIAGEM

Nós dois sosinhos, viajando,
Num vagão, a noite inteira,
Tu, a cabeça poisando
Nos meus hombros, prasenteira,

Adormeceste sorrindo,
Talvez, no noivo pensando !..
E eu, á cres dôres carpindo,
Deixei que fòsses sonhando!

A um ruído impertinente
Despertaste tonta e fria.
Mas... viste que era somente
Meu coração que batia.

Encaraste-me coráda,
Corádo te olhei, querída.
Eras-me a luz da alvorada
Que me expontava na vida!

Nossos olhos se encontráram,
E, melhor que os nossos lábios,
De amor, junctos, segredáram.
Pois sinto-lhe inda os resabios!

Arrependida, estou certo,
Te recolheste a um cantinho
Do carro, visto estar perto
O conchêgo do teu ninho.

Disseste com pouco caso :
— Me excuse se o incommodei.
« Na quinta-feira me caso,
« Vae ao enlace? »
— Não sei.

E eu com os olhos cheios d'agua
Sobrehumano esforço fiz,
Para dizer-te sem mágua :
— « Os céus te façam feliz. »

*
* *

Todo o resto da viagem
Eu fui seguindo tristonho,
Olhando á tôa a paisagem
Onde ficára o meu sonho!



CANÇONETA

Tão tristõha eu andava na villa,
Que meu pae, que é de extrema bondade,
Resoluto me disse: — Dalila,
Este mez vaes passar na cidade,
Ao entrar no comboio, percebo
Que um janota, que fica ao meu lado,
Quer troçar-me, e eu lhe digo : mancebo
O senhor não se faça engraçado!

Fui morar para Santa Thereza,
Numa caza pequena e garrida.
Todo o dia era aquella certeza :
Um passeio portoda a Avenida!
De cinêmas tomei um regalo,
E indo de áuto as corridas do prado,
Disse a um jovem que estava a cavallo :
O senhor não se faça engraçado!

Com donaire usei *Jupe-cullote*,
Sans dessous e a tal saia entravada,
Vesti cauda e ellegante saióte,
E não fui, acreditem, vaiada!
Inspirei um amor muito ardente,
A um velhote ridiculo e inchado.
E aos protestos seus disse ridente :
O senhor não se faça engraçado!

De uma feita eu subia ao mirante,
Para vêr um francez que voava
Num biplano, e alli mesmo o tratante,
Para mim o olho esquerdo piscava!
Eu fiquei com uma raiva tremenda,
Que em sabendo elle haver regressado,
Fui-lhe ao encontro com esta parlenda :
O senhor não se faça engraçado!

Indo eu assistir numa ilha,
De uma prima o feliz casamento.
Disse um moço a meu pae : sua filha
Nunca mais sahe do meu pensamento!

Meu velhinho contou-m'ò em segredo,
E apontou-me um rapaz aloirado.
Mas lhe eu disse, tremendo de mêdo :
O senhor não se faça engraçado !

Esse mêdo, então eu, mal sabia,
Era o amôr, que num impeto, logo,
O meu peito de moça invadia,
Como as çhammas dum lúgubre fogo.
O que é certo, porém (que tolice!),
É que em menos de um mez, meu noivado
Ajustou-se com um *cujò* a quem disse :
O senhor não se faça engraçado !

As meninas solteiras querendo
Arranjar, com presteza, um marido,
Os *coiòs* afugentem, dizendo,
Que elles têm o seu tempo perdido!
Mas (aqui para nós lhes avizo),
Quando virem o gajo enlaçado,
O atormentem com o termo preciso :
O senhor não se faça engraçado !





PÉRFIDA

Gosto de ver-te, assim, despreoccupadamente,
Gosto de verte, assim,
Aos teus sonhos entregue, e ao teu amôr ardente,
Sentado em teu coxim !

E eu imagino, então, que tens a alma contente,
E que gozas, enfim !
Vizionario que eu sou, julgo-me o auctor somente,
Desse prazer sem fim !

E no entanto, jamais, compadecidamente
 Demonio ou cherubim,
Teu coração pulsou uma hora alegremente,
 Uma hora só, por mim !..

Hontem, quando eu te vi vestida ricamente,
 De seda carmezim,
A dançar, a dançar uma valsa, fremente
 E alegre, no festim ;

Tive-te um ódio immenso, e olhei-te indifferente
 Nas vestes de setim!
Pois nunca me passou, senhora, pela mente,
 Que fosses tão ruim



VILLANCETE

Tuas pupillas luzentes,
Brilhantes como dois sóes.
Parecem ninhos ridentes
De amoveis rouxinóes!

Glosa

Para o meu amôr, Senhora,
Creias, ou não, muito embora.
E's o melhor dos viventes!
Pois nem siquer imaginam,
Com que poder me fascizam.
Tuas pupil'as luzentes!

Vendo-as, quase desfalleço,
Mas é com prazer que eu peço
A morte, aos teus dois pharóes!..
Nesta vida entre os escolhos,
Invoco sempre os teus olhos,
Brilhantes como dois sóes!

As vezes, quando sozinho,
Vou do jardim em caminho,
Buscando festões olentes;
Accode-me, então, ao vel-os,
Que de aves, os teus cabellos,
Parecem ninhos ridentes!

Em tua linda garganta,
Uma ave celeste canta,
Com certo dulçor na voz!
Pois quando fallas, eu creio,
Estar ouvindo um gorgeio
De amoveis rouxinóes!



VOZ POETICA

Toda a pujente lyra brasileira,
Transbordante de alegres harmonias,
De G. de Mattos e Gonçalves Dias,
A Luiz Delfino e Alberto de Oliveira;

Desde Bilac, Raymundo, Mangabeira,
Araguáya, Castro Alves e Tobias,
Até Varella, Octaviano, Frias,
Murat, A. de Azevedo e o bom Junqueira;

Não tem o encanto célico, divino,
Da tua voz de angelical belleza,
Pois quando fallas, cantas sempre um 'hymno!

Tua phrase é a poesia modulada
Pelas aves gazis, que á natureza,
Entôam lôas pela madrugada!



A SCHOPENHAUER

Tua filozofia é tétrica e docente,
Negas o amor e o bem, e engrandeces o mal!
Friamente destróes a esperança e o ideal,
A fé consoladora e o sonho a toda a gente!

A mulher para ti, iguala-se somente
A' venenoza serpe e ao mizero chacal!
E o mundo não te é mais que a Vontade banal,
Ou Representação autónoma e incoherente!

Leopárdi, o sombrio e atormentado poeta,
E Nietzsche, o tacitúrno, e Leon Tolstoi, o estheta,
Não feriram tão fundo o humano coração!

Resuscitou teu livro o buddhico Nirvana.
Esquecendo, talvez, que toda a raça humana,
E' o hymno triumphal da divina criação!



A LATERE

Em teus braços apérta-me, querida,
Beija-me a bocca e une-me a teu peito !
Que a tua carne, a minha carne, unida,
Entôe o hymno ideal do amor perfeito !

Nossa existencia alégre e distrahida,
Gosêmos, entre beijos, no teu leito !
Tu, em deliquios sensuaes. cahida,
E eu, plenamente ao teu poder, sujeito !

O ouvido fécha á inveja e aos despeitados.
Aos réprobos senís, e aos alijados
Do teu carinho sensual e ardente!

A mim, que importa, que te chamem louca,
Se o néctar do prazer, em tua bocca,
Absôrvo aos poucos, paulatinamente!



MEDIÉVA

Oh! moça d'olhos luxuriosos,
E pés pequenos orientaes!
Vossos cabellos, assaz formozos,
Cantam-me n'alma mil madrigaes!

Vossas mãozinhas debeis, esguias,
Um par semelham de cotovias!

17*

O vosso altivo e erécto porte
De uma fidalga de aúreos brazões,
Torna, de certo, rigida e forte,
A lei suprema dos corações!

Vossos peitinhos albi-rozados,
Parecem pombos enamorados!

Seja num baile, seja na rua,
Num campo verde, ou à beira mar,
Vossa belleza de luz fulgura
Como uma estrella crepuscular!

Vossas pupillas lúcidas, pretas,
Um casal lembram de borboletas!

Os vossos dentes da côr da neve,
E rubros labios de uma romã,
Vos dão encantos á bocca breve,
E ás rozeas faces nota louçã !

Quando eu vos vejo tagarellando,
Uma aye, creio, estar gorgeando !

*
* *

Oh ! moça d'olhos luxuriosos,
E pés pequenos orientaes !
Vossos cabellos, assaz formozos,
Cantam-me n'alma mil madrigaes !



ANJO TUTELLAR

(A minha mulher)

Luctei muito na vida e as vezes alquebrado,
Dezilludido, triste e quaze allucinado,
Eu vi no suicidio o fim da minha dôr !
E se rezistir pude a esse acto de loucura,
Devo-te a ti somente oh ! meiga creatura,
Ao teu extraordinario e sacrosanto amôr !



FECHANDO O LIVRO

Murcharam d'este livro as debeis flôres,
Não possuindo de vida mais que uma hora,
Pois não tiveram a esplendente aurora
Que abriga os lyríos, mais os beija-flôres !

Que vida curta ! nem os esplendores
Da luz radiante que em seus olhos mora,
Nem mesmo, excellentissima senhora,
Essa muda expressão de agudas dôres

Que a noiva sente ao vêr morto seu noivo,
Cravo que assim se transformára em goivo,
Sentiram as pobresinhas, minha amada!

Sonhos de um dia! ephemeras violetas,
Passaram como uma illusão alada!
Morreram como ethereas borboletas !...

FIM

•



INDICE

	Pags.
A'minha mulher.....	1
Desejo de posse.....	5
Madrigal.....	7
Calendario.....	11
Os mezes.....	13
As estações.....	15
Barometro.....	17
Coração Nostalgico.....	19
Chromo.....	21
Andaluza.....	23
Noiva.....	25
Desilludida.....	27
Supplica aos olhos.....	29
Tisica.....	31
Homo Homini Lupus.....	33
Canção.....	35
Virgens.....	37
Salvé, rainha.....	39
Meretriz.....	41
Bucolica.....	43
Versos a Zuleika.....	45
Nevrose do Goso.....	55
Ave-Maria!.....	57
Monologo de Hamlet.....	61
Paizagem.....	63

Viver brincando	65
Pubere.....	69
Do intermezzo	71
Do Alto do Corcovado.....	73
Ideal.....	77
Francisca de Rimini.....	79
Triolets.....	85
Carta a Walkiria.....	87
Lasciate ogni speranza.....	91
Soffrer é viver.....	93
Silencio.....	95
Ante o busto de Shakespeare.....	101
A casa paterna.....	103
O cinco de maio.....	105
Mater dolorosa.....	109
Tedio.....	111
Do « Hamlet ».....	113
Thesouro.....	115
Algida.....	117
Flor de marmore.....	119
O amor.....	121
Carta de amor.....	123
Entre Scylla e Charybdes.....	127
Prisioneiro eterno.....	129
14 de Julho.....	131
Revendo o passado.....	133
Sombra.....	135
A Guiseppe Verdi.....	141
Longe!.....	143
Velhice prematura.....	145
Na floresta.....	147
O mar.....	151
Metamorphose.....	153
N'um album.....	155
Preconceito.....	157
As tuas mãos.....	161
O canario... ..	163

Alma de artista.....	167
A Luiza Fons.....	169
Nego suppositum.....	171
A Dante Allighieri.....	175
A uma freira.....	177
Desprezo.....	179
Tua pulséira.....	181
Mal de amor.....	183
A arte.....	185
A meu filho Mario.....	187
Vaporosa.....	189
A uns olhos.....	191
Saudades.....	195
Declaração.....	197
+++.....	199
Cartões postaes.....	201
Dôr occulta.....	205
Day-Break.....	207
Serenata.....	209
Teu beijo.....	211
Na partida.....	213
Soffrimento.....	215
A minha mãe.....	217
Monologo de um sceptico.....	219
A uma mystica.....	221
Ballada.....	223
A uma cataléa.....	225
A Maria.....	227
A Camões.....	229
A esphinge.....	231
Nervos e musculos.....	233
A cidade eterna.....	235
Uma reliquia.....	237
Nove de Janeiro.....	239
Avarento.....	243
Saudação a Bandeira.....	245
A borboleta.....	247

As trez graças da Aldeia.....	249
Transformação.....	251
Nua!.....	253
No banho.....	255
A lição de anatomia.....	259
A morte de Pan.....	261
A lacuna.....	265
Pezames a uma mãe.....	267
Prece ao lar.....	269
A meu pae.....	271
A Gonçalves Dias.....	273
Brinde ao Maranhão.....	275
Trovas.....	277
Em viagem.....	279
Cançoneta.....	283
Perfida.....	287
Villancete.....	289
Voz poetica.....	291
A Schopenhauer.....	293
A Latere.....	295
Mediêva.....	297
Anjo tutellar.....	301
Fechando o livro.....	303

2400

PQ 9697

.C2658 V44



3 0000 006 691 772

DO NOT REMOVE FROM POCKET

DEMCO

Original from

INDIANA UNIVERSITY

Digitized by

o le

